



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE  
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA – UAST  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

APARECIDA JULIANA DA SILVA

**PROCESSOS REFERENCIAIS EM CONVERSAS DE UM GRUPO DE  
*WHATSAPP***

Serra Talhada-PE  
2018



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE  
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA – UAST  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

APARECIDA JULIANA DA SILVA

**PROCESSOS REFERENCIAIS EM CONVERSAS DE UM GRUPO DE  
*WHATSAPP***

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada, como requisito obrigatório para conclusão do curso e obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Thaís Ludmila da Silva Ranieri.

Serra Talhada-PE  
2018

APARECIDA JULIANA DA SILVA

**PROCESSOS REFERENCIAIS EM CONVERSAS DE UM GRUPO DE *WHATSAPP***

Monografia apresentada e aprovada em: \_\_/\_\_/\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Thaís Ludmila da Silva Ranieri (UFRPE/UAST)  
(Orientadora)

---

Profa. Dra. Bruna Lopes Fernandes Dugnani (UFRPE/UAST)  
(Examinadora 1)

---

Profa. Dra. Lílian Noemia Torres de Melo Guimarães (UFRPE/UAST)  
(Examinadora 2)

A meus pais, Marlene e Francisco, por  
correrem ao meu lado quando os dias se  
levantaram mais intensos do que o de costume.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, partem meus primeiros e constantes agradecimentos!

Em especial, por representar todas as coisas em minha vida. Todas as formas mais lindas, as quais me concederam inspiração ao longo da jornada que, à minha frente, se colocava impetuosamente a descoberto. Obrigada, Deus!

Ainda agradeço-te, Deus, pelas vidas de todas as pessoas que representaram e representam parte de quem sou hoje, e que, das quais, citarei com emoção.

Obrigada por colocá-las em meu caminho!

A meus pais, que nunca deixaram faltar o essencial em minha vida: amor e sustento. Minha mãe e amiga, Marlene, por sempre ser o meu porto-seguro nos dias que o desabafo escorria precipitadamente. Meu pai, Francisco, por sempre se colocar à disposição junto à busca implacável por impressões e mais impressões de trabalhos acadêmicos a serem entregues nos momentos de aperto.

A meu irmão, Júnior, por ser o meu chato de galocha preferido, sempre torcendo pelo meu sucesso.

A minha família em geral: vô Braz, aquele que inconscientemente sempre acalmou meus medos com suas demonstrações de afeto infantilizadas; vó Maria, minha guerreira, a terei sempre em minha memória, lembrando-me de cada atitude corajosa que se materializava embebida pela sua doçura de mulher; meus tios maternos, Rafael e Urbano, e suas respectivas esposas, Silene e Cileia, que sempre usaram de um tempinho para me aconselhar quando me sentia confusa.

A minha orientadora, Thaís Ranieri, por ter confiado a mim esse encargo por ela mesma me apresentado. Por todas as vezes que me orientou e, da melhor maneira, me fez entender o obscurecimento das teorias complexas. Obrigada por ter acreditado em mim e ser parte desse momento!

A meus professores da UFRPE/UAST, que foram meus motivadores e exemplos de profissionais, e que, dos quais, guardarei cada fala, trejeito e manifestação de caridade que os tornaram únicos para mim. Obrigada, professores!

A minhas amigas: Natane, que mesmo distante insistiu em nossa amizade, me ensinando que o amor é sinônimo de cuidado e perseverança, o qual tem a capacidade de curar as mais diversas dores que nos acometem diariamente; Ana, tão naturalmente enigmática e querida (amorzinho), minha constante parceira de trabalhos acadêmicos realizados nas madrugadas, sempre guardarei, em mim, todos os ensinamentos que,

voluntariamente, me ofertaste; Patrícia (Paty), por representar a determinação em tudo que faz, ajudando-me a entender que, para se alcançar um objetivo, o esforço juntamente com a solidariedade são os fundamentos mais legítimos para a sua concretização; Irlani, por me ensinar que a meiguice nunca poderá ocultar a genuína força da mulher: nunca poderá ocultar sua graciosa força; Andresa (Desa), por tornar os longos quilômetros percorridos diariamente até à universidade mais felizes, estando lá me divertindo com suas histórias, levarei sempre comigo nossas conversas sobre o Amor de Deus, sobre a lua e, claro, sobre comida. Vocês são extremamente importantes para mim!

A minha querida colega Magna, pela bondade espontânea de sempre, por abrir as portas de sua casa quando mais precisei, tendo sido umas das grandes contribuintes à minha chegada até aqui. Obrigada pelo cuidado!

A turma de Letras 2014.1, pela união, respeito e companheirismo durante todos esses 4 anos e meio passados juntos. Cada um de vocês ficarão guardados em minhas memórias; sentirei saudades e felicidade todas as vezes que me lembrar de como esse período da minha vida se tornou mais marcante porque eram exatamente vocês, a turma 2014.1, que eu encontrava em cada dia de aula.

Às professoras Bruna Dugnani e Lílian Guimarães, por aceitarem participar da banca examinadora deste trabalho, por terem me cativado e serem os exemplos de profissionais cujas orientações e sugestões terei sempre o prazer de receber e seguir.

Com muito carinho, agradeço a todas(os) vocês com meu singelo, mas de coração, muito obrigada!

*“Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto”.*

*(Saussure)*

## RESUMO

Neste trabalho, nos propomos analisar os processos referenciais construídos em conversas de um grupo de *WhatsApp*, no interesse de aproximarmos as várias teorias, emergidas na Linguística Textual, às manifestações interativas corriqueiras do cotidiano, produzidas de maneira espontânea pelos seus falantes. Com isso, pensando-se numa concepção amplificada sobre o que defendemos por texto, atentamos para as investigações no ambiente do aplicativo *WhatsApp*, cujo lugar, através de suas diversas ferramentas, tem se mostrado altamente propício à elaboração de multimodos comunicativos no interior de uma mesma conversa. Reconhecemos que a sofisticação comunicativa não se limita ao texto escrito (FÁVERO *et al*, 2000), nem muito menos a uma única modalidade textual (DIONÍSIO, 2007). Dessa forma, objetivamos analisar, com atenção, a performatização das elaborações referenciais (KOCH, 2004; KOCH; ELIAS, 2006) em nosso *locus* de análise com vista à perspectiva categórica instável dos objetos de discurso referenciados (MONDADA; DUBOIS, 2003). Juntamente com essas discussões, relacionamos, quando possível, esses pressupostos às novas concepções de texto (CAVALCANTE, 2013; CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010), revelando, desde o primeiro contato, a representatividade do processamento cognitivo junto ao compartilhamento de ideias negociado em uma comunidade de fala específica. Observamos, ainda, as construções dêiticas a partir do uso de *emojis* que remetem à localização de referentes, em relação ao espaço-discursivo dos participantes envolvidos na interação (CAVALCANTE, 2000; CIULLA; MARTINS, 2017; OLIVEIRA; SILVA, 2017). Trabalhamos com um *corpus* constituído a partir de *prints* provenientes de conversas do grupo de *WhatsApp Família Pereira*, do qual somos membros, constatando, assim, a relação expressiva dos processos sociocognitivos da linguagem, no cerne das construções referenciais, além de comprovarmos a necessidade de expandirmos as noções sobre texto.

**Palavras-chave:** Texto; Referenciação; Categorização; Multimodalidade; *WhatsApp*.



## ABSTRACT

In this work, we propose to analyse the referential processes constructed in conversations of a WhatsApp group, in the interest of approaching the various theories, emerged in Textual Linguistics, to the everyday interactive manifestations of daily life, spontaneously produced by their speakers. With this, thinking of an amplified conception about what we defend by text, we look for the investigations in the WhatsApp app environment, whose place, through its several tools, has been highly conducive to the elaboration of communicative multimodes inside the same one conversation. We recognize that the communicative sophistication is not limited to written text (FÁVERO et al, 2000), nor even to a single textual modality (DIONÍSIO, 2007). In this way, we aim to analyse, with attention, the performatization of the referential elaborations (KOCH, 2004; KOCH; ELIAS, 2006) in our locus of analysis with a view to the unstable categorical perspective of the referenced discourse objects (MONDADA; DUBOIS, 2003). Together with these discussions, we relate, when possible, these assumptions to the new conceptions of text (CAVALCANTE, 2013; CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO, 2010), revealing, since the first contact, the representativeness of cognitive processing together with the sharing of ideas negotiated in a specific speech community. We also observe the deic constructions from the use of emojis that refer to the location of referents in relation to the discursive space of the participants involved in the interaction (CAVALCANTE, 2000; CIULLA; MARTINS, 2017; OLIVEIRA; SILVA, 2017). We worked with a *corpus* that was constituted of prints from conversations of the WhatsApp *Família Pereira* group, of which we are members, confirming, thus, the expressive relation of the sociocognitive processes of language, in the essence of referential constructions, besides proving the need to expand the notions about text.

**Key words:** Text; Referentiation; Categorization; Multimodality; Whatsapp.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Imagem 1:</b> Ovos de Páscoa Vegano .....	51
<b>Imagem 2:</b> Repercussão da temática apresentada na imagem 1 .....	51
<b>Imagem 3:</b> Olha que puxa saco .....	53
<b>Imagem 4:</b> Repercussão da temática apresentada na imagem 3 .....	53
<b>Imagem 5:</b> Toma besta .....	56
<b>Imagem 6:</b> Agora esse menino aí é topado .....	56
<b>Imagem 7:</b> A treta .....	60
<b>Imagem 8:</b> Esse é bom de briga.....	60

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO I.....</b>	<b>17</b>
<b>1 Teorizações sobre o texto e suas construções referenciais .....</b>	<b>17</b>
1.1 Primeiras visões de texto .....	17
1.1.1 Concepções contemporâneas e os limites do texto.....	20
1.1.2 A performance textual nas modalidades oral e escrita .....	24
1.2 O processo de referenciação .....	28
1.2.1 Algumas estratégias de referenciação textual e discursiva.....	32
1.3 O procedimento dêitico .....	36
1.3.1 Tipos dêiticos.....	40
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>46</b>
<b>2 Do método à análise: os modos referenciais nas interações comunicativas do</b>	
<b><i>WhatsApp</i> .....</b>	<b>46</b>
2.1 Metodologia e critérios para escolha dos corpora .....	46
2.1.1 Passo a passo .....	46
2.1.2 O <i>lôcus</i> da pesquisa: <i>WhatsApp</i> .....	48
2.2 Análise do <i>corpus</i> .....	49
2.2.1 Referenciação e a categorização no interior das relações comunicativas.....	50
2.2.2 Referenciação junto à dêixis de caráter anafórico .....	55
2.2.3 Referenciação junto à dêixis de caráter catafórico .....	59
2.2.4 O elo que se manifesta em todas as categorias de análise .....	62
<b>Considerações finais .....</b>	<b>63</b>
<b>Referências .....</b>	<b>65</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>67</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa dispõe-se a investigar as manifestações referenciais construídas em conversas de um grupo de mensagens do aplicativo *WhatsApp*. Nesse sentido, busca-se atentar para as possibilidades de referenciação, em relação aos seus objetos de discurso, a partir do acesso às diversas ferramentas disponíveis na constituição de sua interface. Desse modo, nossa pesquisa volta-se para as discussões enquadradas no âmbito da Linguística Textual (doravante LT), admitindo sua interligação direta com outras perspectivas teóricas, permeadas nos estudos da Cognição e da Semiótica.

De acordo com as discussões lançadas por Cavalcante & Custódio Filho (2010), passamos a questionar quais seriam os limites estipulados na concepção do que vem a ser texto, tendo em vista que não há formulação interativa que se pretenda sem sentido; admitimos que, se há sentido, automaticamente, há-se um texto. Tais pressupostos passaram a ser primeiramente pensados nos estudos de Marcuschi (2012), quando ainda discutia, apenas, sobre as influências dos processamentos cognitivos no cerne da comunicação humana, que, de já, transcendia o lugar representativo do texto dos seus elementos puramente linguísticos, para uma visão social de sua atuação.

A contemporaneidade da nossa era tem pressa na comunicação, evidenciando-se principalmente a partir dos avanços tecnológicos que, aceleradamente, tornamos como imprescindíveis em nossa vida cotidiana. Seguindo esses mesmos padrões, os textos também se constroem com pressa, constituídos pelas inúmeras imbricações de multimodos semióticos na sua configuração: a imagem que complementa o verbal, que complementa o oral. Tudo isso pensado na busca da efetivação rápida dos sentidos aos quais remetem, apenas comprovando a necessidade teórica de expandirmos o conceito de texto da ultrapassada primazia única do verbo.

De comum acordo com os postulados defendidos por Dionísio (2007), acreditamos que, mais do que nunca, precisamos direcionar nossas atenções ao que concernem as procedências da linguagem sob essas novas maneiras de interação; a diversidade das maneiras que sempre existiram, mas que, atualmente, tem se apresentado com maior força expressiva.

Em todas as situações comunicativas, usamos os nossos sistemas de conhecimentos para orquestrar, da forma mais harmônica possível, todos os recursos verbais

(escritos ou orais) e os recursos visuais (estáticos ou dinâmicos) existentes nas interações comunicativas em que estamos inseridos (DIONÍSIO, 2007, p. 178).

Dessa forma, pensando-se no efeito desses recursos oportunizados no aplicativo do *WhatsApp*, na elaboração da atividade interacional entre os sujeitos, que desenvolvemos nossa pesquisa pautada nos seguintes questionamentos:

- 1) A que grau de negociação as multissemioses e a sociocognição têm demonstrado ser papel inerente nos processos interacionais entre os sujeitos?
- 2) Diante dessas proposições, até que ponto as construções referenciais podem ser manifestadas, quando realizadas sob os domínios dessa nova estrutura comunicativa?
- 3) Como os sujeitos modelam esses recursos às suas necessidades práticas no momento da interação?

Por meio desses questionamentos, nossa busca é de promover a reflexão e maior teor de entendimento em relação às novas configurações engendradas na comunicação humana; à luz de discussões teóricas que precisam ser, urgentemente, reconhecidas dadas a sua representatividade, cada vez maior, nas práticas discursivas diárias.

Dentro desse campo, no qual nossas atenções se direcionam, é praticamente impensado não se ater as teorizações lançadas sobre a construção de referentes no universo semiótico-cognitivo ao qual defendemos. Em seus estudos, Mondada & Dubois (2003) já fizeram tal relação entre a referenciação e a intersubjetividade na comunicação entre os sujeitos: “insistiremos, nesta parte, na referenciação concebida como uma construção colaborativa de objetos de discurso – quer dizer, objetos cuja existência é estabelecida discursivamente, emergindo de práticas simbólicas e intersubjetivas” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 35).

É em parceria com essas concepções que nosso trabalho estabelece os seguintes objetivos:

- ***Objetivo geral:***

Analisar a articulação entre os efeitos multissemióticos e sociocognitivos na construção referencial em conversas de um grupo de *WhatsApp*.

- *Objetivos específicos*

- ✓ Discutir a noção de textos a partir de sua articulação com a perspectiva da multimodalidade, tendo por base relações entre as modalidades escrita e falada da língua;
- ✓ Identificar a função dos recursos do *WhatsApp* para as construções dos referentes em discussão;
- ✓ Avaliar os efeitos de sentido atribuídos aos referentes na sua relação com os recursos multimodais.

No intuito de cumprirmos tais objetivos, nosso trabalho organiza-se em dois capítulos, cujas relações se complementam. Sequencialmente à introdução, temos o Capítulo I, “1 Teorizações sobre o texto e suas construções referenciais”, que aborda os diversos estudos teóricos que embasam esta pesquisa. Para tanto, discutimos sobre as concepções de texto emergidas nos estudos em LT, desde suas primeiras visões, através das pesquisas de Marcuschi (2012), à sua contemporaneidade, através dos estudos de Cavalcante (2013) e Cavalcante & Custódio Filho (2010). Tratamos sobre as noções da multimodalidade, a partir dos pressupostos de Dionísio (2007), seguido das discussões sobre os elementos constitutivos dos textos orais e escritos, por meio das teorias de Fávero *et al* (2000).

Posteriormente a isso, falamos sobre os processos referenciais e suas possibilidades categóricas no ato discursivo, embasado em Mondada & Dubois (2003); seguiremos com discussões relativas às possíveis estratégias referenciais, das quais podemos fazer uso, por meio dos estudos de Koch (2004) e Koch & Elias (2006). Também nos importou discutir sobre a referenciação em função dêitica, depois disso, atrelando à definição dos seus tipos, através dos estudos de Cavalcante (2000), Ciulla & Martins (2017) e Oliveira & Silva (2017).

No Capítulo II, “2 Do método à análise: os modos referenciais nas interações comunicativas do *WhatsApp*”, estão dispostas nossas informações em relação às metodologias aplicadas a esta pesquisa, explicando o passo a passo tomado para se tê-la, bem como as características do nosso *locus* de análise, no qual coletamos o *corpus* para pesquisa. Seguido disso, temos a análise do *corpus*, organizada por meio de tópicos em que, nos quais, fazemos considerações a respeito de cada imagem, mostrando, entre outras coisas, a elaboração referencial nelas apresentadas, sob a influência da multimodalidade.

Por fim, apresentamos nossas considerações finais do trabalho, reconhecendo que muito ainda deve ser pesquisado no intuito de que se alcancem mais discussões que não foram tratadas aqui, mas que seriam altamente pertinentes na área da LT. Deste modo, encerramos com a apresentação das referências bibliográficas utilizadas, incluindo um anexo em sequência.

## CAPÍTULO I

### 1 TEORIZAÇÕES SOBRE O TEXTO E SUAS CONSTRUÇÕES REFERENCIAIS

Neste capítulo, discutiremos algumas teorias imprescindíveis para a realização deste trabalho, que tratam, entre outras coisas, sobre as evoluções no interior dos estudos da Linguística de Texto. Para tanto, buscaremos refletir sobre definições do que viria a ser texto: por meio das subseções “1.1 Primeiras visões de texto”, “1.1.1 Concepções contemporâneas e os limites do texto” e “1.1.2 A performance textual nas modalidades oral e escrita”. Em sequência, discorreremos sobre as inúmeras possibilidades de referenciação, dentro de uma perspectiva de língua construída em favor dos mecanismos sociocognitivos de produção: por meio das subseções “1.2 O processo de referenciação”, “1.2.1 Algumas estratégias de referenciação textual e discursiva”, “1.3 O procedimento dêitico” e “1.3.1 Tipos dêiticos”.

#### 1.1 Primeiras visões de texto

As discussões sobre o que vem a ser texto têm tomado grandes proporções e significação no âmbito dos estudos emergidos pela LT. Numerosas são as concepções já formuladas na procura da definição que pudesse, genuinamente, abranger a completude do seu sentido. Algumas debruçadas sobre teorias que analisavam o texto numa perspectiva imanente ao seu sistema linguístico e outras voltadas a uma perspectiva sociointeracional de atuação. Sabendo disso, buscaremos, nesta subseção, fazer um breve levantamento das principais visões de texto admitidas no decorrer da constituição da LT.

A natureza dessas discussões se efetiva, de fato, no Brasil, a partir de inícios da década de 80, com a célebre obra “Linguística de Texto: o que é e como se faz”, de Luiz Antônio Marcuschi. É por meio dessa obra que um dos maiores passos é tomado para se pensar o lugar-comum da produção comunicativa: o texto, e não mais a frase.

Para tanto, Marcuschi (2012) discorre que, até a década de 60, as pesquisas linguísticas limitavam-se ao estudo do campo frasal – fonologia, morfologia e sintaxe –, bem como o ensino da linguagem concentrado nos vocábulos e estruturas menores da língua. Por isso, é frente a esse quadro de enclausuramento, que acometia as noções comunicativas, que Marcuschi (2012) faz a seguinte afirmação: “o texto é uma unidade linguística



hierarquicamente superior à frase” (p. 16). Para o teórico, um texto pode, por meio das intenções que se pretende, exceder os limites da frase, isto é, propositalmente ignorar regras gramaticais para se alcançar um determinado sentido.

Após ser apresentado esses primeiros avanços dentro da LT, ao posicionar o texto no lugar representativo que lhe cabe, iremos, agora, conhecer parte da trajetória percorrida para a formulação de tal concepção. Marcuschi (2012) lista algumas dessas concepções elaboradas pelos teóricos da LT, na qual organiza a partir de duas perspectivas: o texto enquanto unidade linguística (análise imanente do texto) e o texto enquanto unidade comunicativa (análise semântica e extralinguística do texto). Claramente, ao que veremos *a posteriori*, o autor, sobre o qual tratamos, apoia-se nessa segunda perspectiva, ao defender que texto é o resultado de operações comunicativas, produzidas e recepcionadas através de dimensões de cunho cognitivo, de modo a transcender os aspectos puramente estruturais.

No entanto, muitas foram as teorias que desconheciam a importância pragmática e cognitivo-conceitual em suas definições de texto, como foi o caso das teorias elaboradas por Zellig S. Harris. Segundo Marcuschi (2012), Harris representou um dos mais radicais teóricos imanentistas, que, intuitivamente, considerou o texto como um todo composto pela ligação de morfemas ou sentenças, desconsiderando qualquer elemento externo à materialidade linguística.

Roland Hawerg, por sua vez, mostrou-se inovador, em seu estudo, ao trazer à tona uma das discussões mais pertinentes em LT, o fenômeno do múltiplo referenciamento. Ao estudar as sucessões sintagmáticas e paradigmáticas, Hawerg pôde observar o encadeamento pronominal que ocorre no interior da sequência durante os processos de substituição sintagmática. Para Marcuschi (2012), o estudioso mostrou-se, ainda, mais flexível ao distinguir texto êmico<sup>1</sup> de texto ético<sup>2</sup>.

Nessa perspectiva imanentista do texto, encontra-se, também, Irena Bellert, cuja teoria admite a imprescindibilidade lógico-semântica na compreensão das entrelinhas da sequência textual. Embora traga, em suas análises, o efeito lógico-semântico para a melhor interpretação do texto, é possível perceber que Bellert trata o exercício inferencial apenas como facilitador do sistema linguístico que se é apresentado, voltado apenas à lógica sequencial de sentenças, sem atingir, de fato, a sua textualidade.

---

<sup>1</sup> Texto realizado em nível cotextual, totalmente imanente ao sistema linguístico de si mesmo.

<sup>2</sup> Texto que se realiza em nível contextual, e em que se considera aspectos extralinguísticos – autor, data, local, por exemplo.

Por fim, temos Harald Weinrich, o qual acreditava que toda linguística seria linguística de texto. Conforme explica Marcuschi (2012), estudar as classes gramaticais, para Weinrich, é o mesmo que estudar a textualidade de um artigo, pronome ou qualquer outro fenômeno gramatical, o que evidencia um equívoco muito semelhante ao que Coseriu (1980 *apud* MARCUSCHI, 2012) também defendia. Esses autores acreditavam que toda e qualquer manifestação linguística se desenvolve por meio de textos concretos, bastando o estudo de sua gramaticidade para que se obtenha a completude da intenção textual.

Diferentemente da raiz do pensamento teórico anteriormente exposto, outros estudiosos empenharam-se no objetivo de explicar o texto não como uma unidade linguística, mas sim como uma unidade comunicativa. Janos S. Petöfi, por exemplo, incluiu pretensões bem mais ousadas ao admitir novos elementos da comunicação falada às definições de texto: dizendo que um texto é o resultado de uma sequência de elementos linguísticos escritos ou falados. Entretanto, Marcuschi (2012) aponta que, ainda assim, a teoria se configurou de modo pouco funcional por delimitar demais sua efetivação. Segundo Marcuschi (2012), o teórico defendia que um texto se dava, apenas, a partir de uma gramática gerativo-transformacional, ou seja, não fixada, especialmente centrada na semântica contextual, obediente às necessidades impostas pelo mundo.

Já Teun van Dijk diz que texto é uma estrutura semântica profunda motivada, que governa uma estrutura superficial. Ao criar essa definição, o estudioso sustenta-se na ideia de que as relações lógico-semânticas, estabelecidas nessa estrutura profunda, deveriam ser a base para a construção das relações textuais. Conforme sua teoria, somente a partir das relações lógico-semânticas é que se é possível estabelecer a coerência daquilo que, para van Dijk, é a esfera da comunicação: o próprio texto, e não mais a sentença.

Por sua vez, Siegfried Schmidt introduz o elemento pragmático para o aprimoramento de sua definição, ao afirmar que a comunicação é orientada tematicamente, ao passo que é realizada no texto. Schmidt evita considerar a noção de frase e coerência, defendendo a efetivação da coerência no próprio interior da organização temática, gerada na interpretatividade semântica, o que para van Dijk, seria o mesmo que gerada na estrutura profunda.

Para finalizar esse breve apanhado das definições sobre texto, retiradas da obra de Marcuschi (2012), temos M. A. K. Halliday e R. Hasan, os quais definem texto como sendo uma unidade de sentido em uso. Para os teóricos, a unidade formal perde seu valor, ao afirmarem que a textura formada pela relação semântica de coesão é o que define um texto de um não texto, ou seja, para eles, a coesão procede semanticamente, e não de maneira sintática,

reforçando a concepção de que texto não é um acúmulo de sentenças, mas, sim, uma unidade de sentido.

No entanto, o que podemos apreender por meio de Marcuschi (2012) é que não se há “receita” ou estruturação fixa, texto é “o resultado de operações comunicativas e processos linguísticos em situações comunicativas” (p. 29). É um mapeamento cognitivo que possibilita a “produção, construção e recepção de textos”, e que, de acordo com ele, caracteriza-se em fatores: os contextualizadores, todos os elementos que garantem a construção de sentido no texto; os coesivos, que garantem a retomada dos elementos linguísticos; os de coerência, que induz as inferências, acionadas cognitivamente; e os pragmáticos, que representa o eixo motivador da situação comunicativa, ocorrendo em concomitância com os outros fatores.

A importância dos estudos desses teóricos, embora muito questionados e aprimorados ao longo dos tempos, foram grandes pilares para a inovação dos estudos textuais. Todavia, as considerações de Marcuschi, “o pai da LT no Brasil”, foram indiscutivelmente mais representativas para a refinação conceptual do que se entende por texto. Marcuschi, ousadamente, conseguiu diminuir as fronteiras que existiam entre o linguístico e o social, ajudando na equidade significativa dos dois fenômenos durante o processo de comunicação. Sendo, ainda, um dos primeiros teóricos a ter coragem para contrariar teorias respeitadas, ao negar a veracidade da concepção de que a aplicação das categorias gramaticais da frase seria a mesma para o texto.

Dessa forma, mesmo sabendo que muitos aspectos foram repensados e reorganizados na busca de um significado mais fiel do texto, não podemos ignorar a base teórica deixada por esse grande pesquisador, maduro e atual, da língua. Os estudos de Marcuschi “prepararam terreno” para as novas visões que correspondem hoje à essência própria do texto, e que, decerto, tornaram-se fundamentais para a compreensão da organização estrutural, semântica e de uso, em nível cognitivo e pragmático, sobre aquilo que entendemos por texto.

### **1.1.1 Concepções contemporâneas e os limites do texto**

Como visto na breve listagem da subseção anterior, a origem dos estudos textuais passaram por diversas transformações no objetivo de se encontrar uma completude explicativa do que, possivelmente, viria a ser um texto. Contudo, sabemos hoje que novas teorias e concepções surgiram, no cerne dos estudos contemporâneos da LT, para aperfeiçoar a definição de texto e expandir os seus limites. Sendo assim, discutiremos alguns conceitos em

relação às concepções de texto defendidas pela LT, e, posteriormente, nos debruçaremos na discussão, com base em alguns teóricos, sobre a concepção defendida neste trabalho.

No capítulo “Texto, contexto e coerência”, do livro *Os sentidos do texto*, Cavalcante (2013) traz, em suas primeiras linhas, um breve resgate das três concepções contemporâneas defendidas pela LT: as definições de texto enquanto artefato lógico do pensamento, decodificação das ideias e processo de interação.

Segundo apresenta Cavalcante (2013), o texto era entendido, inicialmente, como um mero artefato lógico do pensamento daquele que o produziu. Nessa concepção, era dado ao leitor o espaço de apenas “recepcionista” (receptor) da representação mentalista do autor, sem, de fato, interagir com o texto. O leitor não poderia ir além, estava limitado, apenas, a captar as intenções “únicas” de uma só mente.

Posteriormente, surge-se a noção de texto como decodificação das ideias, o qual passou a ser visto como um produto, pronto e acabado de seu emissor. Nessa perspectiva, o emissor codificaria suas ideias, transformando-as em texto, enquanto o leitor-receptor seria apenas aquele encarregado de decodificar as informações transmitidas, novamente, de maneira passiva. Evidenciou-se, então, ao longo desse período, o texto como um código linguístico, um todo composto por estruturas gramaticais, bastando ao seu leitor à limitação do domínio do cotexto para interpretá-lo.

Contudo, hoje, a concepção que prevalece, e que se embasa este trabalho, é outra. A defesa atual, originalmente defendida por Beaugrande (1997), ao definir texto como “um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, culturais, sociais e cognitivas” (p. 10 *apud* CAVALCANTE, 2013, p. 18), parte da noção de que os efeitos de um texto, tanto sobre quem o escreve quanto sobre quem o lê, transcendem os muros de sua estruturação física, cuja força é capaz de transformar seus interlocutores em agentes sociais numa relação sociointeracional.

Dessa maneira, não se há mais espaço para termos que, porventura, limitem as reverberações possíveis de um texto, pois é a interação que passa a ter seu lugar merecido de destaque no processo comunicativo. Para essa nova visão, não é mais necessário tratarmos o autor de emissor, nem, tão pouco, leitor de receptor, pois entendemos que a construção de um texto se configura em um movimento de “vai-e-vem”, em que a fala ou a escrita dependerá tanto da situação comunicativa, quanto do contexto compartilhado entre os falantes. Assim sendo, serão interlocutores ambos, capazes de dominar a estrutura, bem como os contextos considerados na atividade interativa textual, numa construção mútua de sentido.

Obviamente, devido à amplitude dada aos efeitos do texto sobre aqueles que nele estão envolvidos, os estudos da LT têm se aperfeiçoado nessa última concepção. Dessa forma, necessário se foi incluir novos elementos e valorizar outros, já primeiramente citados, para que os limites formais do texto pudessem ser igualmente renovados e redimensionados.

No artigo “Revisitando o estatuto do texto”, os pesquisadores, Cavalcante & Custódio Filho (2010), discorrem sobre o caráter sociocognitivo dos textos – é importante que não esqueçamos que, tal posicionamento, havia sido há muito considerado por Marcuschi, já em suas primeiras análises, quando caracterizou a cognição como sendo uma das principais operações a serem ativadas na ação comunicativa.

Segundo Cavalcante & Custódio Filho (2010), “o caráter do texto, no estágio atual dos estudos em LT, fala em favor de um objeto dinâmico, multifacetado, resultante de uma atividade linguístico-sociocognitiva, na qual se incluem parâmetros discursivos” (p. 62). Quer dizer, fala em favor do social, porque a interação entre os falantes é constante; e do cognitivo, porque se demanda uma espécie de negociação mental em relação aos conhecimentos implícitos a serem compartilhados entre os interlocutores no ato discursivo.

Os autores admitem, nesse caso, texto e discurso como sendo indissociáveis, isso porque o texto não é apenas a materialização dos discursos, nem o discurso é a “imitação” dos textos: e sim, que os textos atuam como “(re)formuladores” de novos discursos à medida que alcança seus interlocutores, assim como são estabelecidos no interior dos próprios discursos. Ou seja, estamos diante de uma relação de interdependência entre os dois, cuja definição se assemelha muito ao que Ciulla & Silva (2008) afirmam, ao dizerem: “o texto não é simplesmente uma superfície material que conduz ao discurso, mas é visto como indissociável dele e é definido pelo uso” (p. 26 *apud* CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010, p. 59).

Para Cavalcante & Custódio Filho (2010), definir completamente o que vem a ser um texto é praticamente impossível, considerando a complexidade das operacionalizações envolvidas em sua produção. Mesmo assim, afirmam que o contexto linguístico (o cotexto), por si só, não garante nem parte do sentido textual, tendo em vista que, para isso, é preciso ser acionados inúmeros outros recursos, dos quais o processamento mental e a cultura são indispensáveis, não de maneira independente, mas constitutivamente interligados. Os pesquisadores explicam que o texto mobiliza um conjunto de saberes indeterminados, cujas articulações serão manifestadas em dadas situações sociodiscursivas, num determinado contexto sociocultural, para formação de sentido.

Grosso modo, texto é uma unidade de sentido, principalmente se considerarmos que qualquer sujeito, a menos que seja acometido por um déficit cognitivo, sempre constituirá

textos semanticamente coerentes, pois “não há produção linguística que se pretenda sem ‘sentido’” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010, p. 63). Aqui, definitivamente, alargamos expressivamente os limites do texto, transcendemos as paredes do campo verbal e passamos a incluir todas as outras formas de comunicação que, em sua constituição, carregue sentido, como os recursos de caráter semiótico: imagéticos e orais, por exemplo.

Temos, então, uma quebra da primazia do verbo, por meio da inclusão de diversas semioses ao que denominamos por texto. Por isso mesmo, Cavalcante & Custódio Filho (2010) dizem: “Não se trata, portanto, de fazer uma linguística sem língua, mas de levar às últimas consequências a tese de que a comunicação se efetiva a partir da conjunção entre diversos fatores, sendo a multissemiose um dos mais relevantes” (p. 66).

A título de exemplificação, um *emoji*, utilizado em uma conversa de bate-papo, pode, sim, ser definido como texto, sabendo que os participantes, no momento da interação, ativam um processamento mental para interpretar a intenção que a imagem indica, podendo variar de uma situação feliz a triste, de vergonha a sarcástica, etc. Tendo intenção, tem-se um sentido, e, tendo sentido, tem-se um texto.

Dionísio (2005), em seu artigo “Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita”, nos apresenta claramente a força da atuação multimodal<sup>3</sup> na construção dos discursos, em suas diferentes modalidades. A autora explica que, na interação oral, seja em sua forma mais primitiva (face a face), seja mediada por recursos tecnológicos (bate-papo virtual), a multimodalidade desempenha atuação inerente no discorrer comunicativo, configurando-se a partir da imbricação mútua entre, no mínimo, fala e gesto (som e imagem). Semelhantemente acontece no texto escrito, que demanda não somente sua estrutura concreta em si (palavras), mas também do seu suporte: uma folha impressa (tipografia) ou uma tela de computador (animações), por exemplo.

Ou seja, a multimodalidade no ato comunicativo sempre existiu, contudo, com o passar do tempo, a interação entre os sujeitos tem demandado, mais do que nunca, da inserção de novas e diferentes semioses para produção de seus textos. Por que não dizer, embora não seja o foco deste trabalho, que a multimodalidade se expande junto às mudanças ideológicas e culturais de um povo, que a introdução de novos recursos, ao que entendemos por texto, não apenas o torna mais atrativo, mas também o torna mais inclusivo. Dessa forma, tais elementos, tanto se mostram de forma indispensável na construção de sentido dos textos,

---

<sup>3</sup> Textos com mais de um código semiótico.

quanto surgem a partir de necessidades transculturais (ousadamente defendidos aqui) de um povo em interação.

Desse modo, não é mais possível limitarmos os efeitos de sentido de um texto a elementos puramente linguísticos, principalmente porque, cada dia mais, a produção de textos e dos recursos multimodais tem se propagado em uma velocidade demasiadamente rápida. Por isso, podemos hoje facilmente afirmar que boa parte da população, que possui acesso à internet e às redes sociais, passa a maior parte de seu tempo, produzindo textos e formulando discursos que articulam as diversas semioses dentro desse universo. E, por isso mesmo, apoiamos a sugestão de Cavalcante & Custódio Filho (2010) ao proporem a revisão de termos como “linguístico e seus correlatos”, uma vez que o verbal não possui mais exclusividade.

### **1.1.2 A performance textual nas modalidades oral e escrita**

Após defendermos que um texto não se limita as “paredes” linguísticas, e que sua produção tem agregado inúmeras semioses, objetivaremos, nesta subseção, eliminar qualquer ideia equivocada de que o texto, fora da exclusividade verbal, venha se configurar de maneira descuidada ou desordenada. Para tanto, discorreremos sobre a elaboração textual, falada e escrita, no intuito de esclarecermos que a organização comunicativa é devidamente respeitada em cada uma dessas modalidades de atuação.

Desse modo, defendemos que toda e qualquer construção textual, falada ou escrita, exige uma intenção ou um objetivo; no entanto, sabe-se hoje que os mecanismos constitutivos para a efetivação de cada uma delas são diferenciados. Enquanto a produção da língua escrita depende do desempenho adequado das marcas linguísticas presentes no texto; a produção da língua falada depende necessariamente da interação entre os participantes e do total reconhecimento inferencial estabelecido durante o discurso. E, de acordo com o que veremos logo mais, será reforçada a imprescindibilidade da valorização do contexto sociocultural para a manutenção e eficácia de toda situação comunicativa, em cada uma de suas modalidades.

Segundo os estudos de Fávero *et al* (2000), em sua obra “Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna”, pensando-se na produção falada, “é na interação e por causa dela que se cria um processo de geração de sentidos, constituindo um fluxo (movimento de avanço e recuo) de produção textual organizado” (p. 16). Com isso, as autoras pretendem dizer que o texto oral não representa o lugar do “caos” – como preconceituosamente interpretado na década de 60 –, mas, sim, possui diversos recursos que

contribuem para a instauração comunicativa ordenada, cuja estruturação baseia-se, apontado por elas, em turno, tópico discursivo, marcadores conversacionais e pares adjacentes.

Dessa forma, os turnos são os próprios eventos de fala, atuando como elemento de revezamento de fala, podendo configurar-se em turnos simétricos, em que há uma sucessão discursiva igualitária; e turnos assimétricos, em que se estabelece uma relação de poder entre os falantes, numa espécie de discurso hierarquicamente desigual. Observemos este exemplo:

L1 então quando foram fazer a Paulista... já tinham gastado três bi sei lá ... cacetada de dinheiro  
 [  
 L2 com aquela rebá/aquele rebaixamento né? (GALEMBECK, 1991, p. 125).

Neste exemplo, conseguimos identificar diversas características que formam o evento discursivo: encontramos aquilo que chamamos por “assalto de turno”, isto ocorre quando a fala entre os participantes acontece ao mesmo tempo; o que para muitos estudiosos é um fenômeno problemático dentro dos princípios comunicativos, tendo em vista que o “correto” seria falar um de cada vez. Contrariando, assim, as evidências desse trecho, em que a fala de L2 sobrepõe-se à fala de L1, e que se evidencia pela representação gráfica do colchete.

Percebemos, ainda, uma interação que se desenvolve em uma situação informal face a face, na qual se há total entendimento inferencial em relação ao desenvolvimento das informações que se seguem. É perceptível que os dois participantes compreendem que a expressão “Paulista” representa a Avenida que se localiza em São Paulo e tentam manter o máximo da intenção pretendida a partir de hesitações: “L2 com *aquela rebá/aquele rebaixamento*”, e correções: “L1 tinham gastado três bi *sei lá... cacetada de dinheiro*”.

Já o tópico discursivo apresenta-se enquanto elemento motivador para a conversação, quer dizer, é o assunto em que se fala; representa o lugar onde os participantes se reconhecem engajados e percebem as possíveis “quebras” ou retomadas sobre o que estão falando. Por exemplo:

L1 Amor, estava dirigindo seu carro quando, contra minha vontade, a lataria de seu carro ganhou um formato único, diferente e personalizado.  
 L2 Fala logo que você bateu meu carro!<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Fonte: Figuras de linguagem de eufemismo. **Aprovado no Vestibular**. Disponível em: <<http://aprovadonovestibular.com/resumo-figuras-linguagem-exemplos-exercicios.html>>. Acesso em: 02 fev. 2017.



Sobre os tópicos discursivos, Fávero *et al* (2000) dirão que “muitas vezes a identificação de um tópico discursivo não se dá de modo explícito, já que ele pode apenas ser pressuposto” (p. 37). Esse pensamento exemplifica perfeitamente os recursos utilizados por L1: a esposa tenta amenizar os efeitos da batida do carro, contudo, seu marido, por conhecê-la bem e estar engajado no contexto pessoal dela, infere o acontecido, parafraseando de imediato a história contada, a partir da dedução “L2 [...] você bateu meu carro!”.

Nesse exemplo, o tópico discursivo – a batida de carro – apresenta-se, primeiramente, de modo implícito, mas devido o conhecimento inferencial/contextual de L2, a interação acontece completamente; isto porque os participantes mantêm-se engajados durante o desenvolvimento do assunto, um princípio básico para manutenção deste elemento.

Os marcadores conversacionais, por sua vez, são preservadores do bom fluxo discursivo, agindo como atenuadores e organizadores hierárquicos do texto. Tomando as palavras de Fávero *et al* (2000), “os marcadores conversacionais são, portanto, elementos que auxiliam no desenvolvimento interacional em pauta” (p. 48), os quais se articulam tanto no discurso verbal quanto no não verbal, podendo contribuir para o encaminhamento de um novo tópico discursivo. Vejamos um exemplo:

L1 tinha-se esperanças... em que dona Ana Cândida sendo assumida a procuradoria geral do Estado... em ela sendo mulher... que ela defendesse um pouco mais a:: classe não?  
 L2 ahn  
 [  
 L1 mas...  
 L2 mas eu tenho a impressão que ela acabou se vendo mais  
 L1  
 [  
 ()  
 L2 mais ou menos uma ( ) mais ou menos ( )  
 L1 [  
 cerceada não é?  
 L2 cerceada ela chegou a um ponto (...) (CARVALHO; GALEMBECK, 1997, p. 7-8, grifo do autor).

Nesse trecho, observamos a presença do marcador discursivo “ahn”, funcionando como elemento preservador da interação, conseqüentemente, demonstrando que há atenção constante ao assunto. Mais adiante, evidenciamos a expressão “eu tenho a impressão que”, procedendo como atenuadora da informação, e antecipando que, para aquilo que será dito, não se há plena certeza. E, mais ao fim da citação, temos ainda a repetição da palavra “cerceada” por L2, em relação à pergunta confirmativa de L1, no objetivo mesmo de “manutenção da coerência textual, bem como a organização tópica e a geração de sequências mais

compreensíveis” (FÁVERO *et al*, 2000, p. 61). Em resumo, os marcadores atuam como principais influenciadores para o prosseguimento do restante do discurso.

Por fim, os pares adjacentes são elementos básicos da conversação, pois é a partir deles que, normalmente, inicia-se a interação e por eles que, na maior parte das vezes, se há a mudança do tópico discurso. Constitui-se por pergunta-resposta, convite-aceitação ou recusa, pedido-concordância ou recusa, saudação-saudação. Vejamos o exemplo:

L2 quem foi se acusa (mas o)... quando a::a a arte é muito grande ou eles estão brincando então... acusam o pai ou a mãe aquele que não tiver presente foi aquele que fez...  
 L1 é  
 Doc. Seus filhos estão com que idade H.?  
 L2 com três e cinco anos  
 L1 eles têm noção de ho::ras... noção de:: horário? (FÁVERO *et al*, 2000, p. 53).

Nesse exemplo, identificamos, claramente, uma das principais funções dos pares adjacentes, a mudança de tópico. A princípio, a conversação é conduzida pelo tópico “Cumplicidade entre os filhos de L2”; no entanto, a partir da pergunta formulada pelo documentador, “Seus filhos estão com que idade H.?”, impulsionará uma transição à mudança de tópico, sendo a pergunta o que chamamos de subtópico. Com essa transição, observamos, mais adiante, a formulação de um novo objetivo discursivo: o novo tópico “Noção de horário com os filhos de L2”.

Até aqui, podemos comprovar a plena organização textual engendrada no próprio ato discursivo durante a formação do texto conversacional. Mas, se no texto falado identificamos isso a partir dos dados reais de fala, observaremos, agora, que no texto escrito identificamos por meio dos parágrafos construídos.

Segundo Fávero *et al* (2000), “o produtor pode fazer uso da paragrafação para marcar a sua intencionalidade” (p. 25), de modo que a posição ou estruturação do parágrafo, por exemplo, possa representar não apenas um aglomerado de informações, mas seu sentido de relevância para o texto. Dessa maneira, as autoras afirmam que, em todo parágrafo bem estruturado, espera-se que contenha unidade, coerência, concisão e clareza.

Para a estruturação do parágrafo, a unidade refere-se à ideia principal na qual as informações “menores” devem circular, de maneira que, no parágrafo bem elaborado, só poderá haver uma ideia principal, sendo, o restante, secundárias. Assim, todas as outras ideias secundárias devem girar em torno da “maior”: da unidade pretendida. Já a coerência atua enquanto organizadora dos efeitos de sentido estabelecidos entre a ideia principal e as

secundárias no interior do parágrafo. Quando a coerência é bem desenvolvida, os conflitos de ambiguidade são mínimos, quicá inexistentes, tornando a identificação da ideia central clara.

A concisão e a clareza são muito semelhantes em um aspecto: as duas requerem a escolha adequada dos elementos linguísticos para o bom desempenho do assunto proposto no parágrafo. Ou seja, a concisão requererá o reconhecimento do objetivo real do texto, a partir da escolha apropriada em relação à quantidade de informações nele presentes, evitando prolongamentos desnecessários. A clareza, por sua vez, requererá a escolha apropriada das palavras para a clara compreensão do texto. Vejamos este exemplo de parágrafo:

Há tempos a questão da **preservação do meio ambiente** entrou no dia-a-dia das discussões do mundo inteiro. O excesso de **poluição** emitida pelas indústrias e automóveis e a devastação das florestas são as principais causas do efeito estufa e finalmente se tornaram motivo de preocupação. **Contudo**, até agora, os resultados pró-natureza são insignificantes perto dos prejuízos causados a ela. Essa diferença tem **razões econômicas**. Não é simples nem vantajoso uma fábrica que emite grande quantidade de poluentes comprar equipamentos que amenizam tal emissão. O mesmo acontece com automóveis, grandes vilões do ar nas cidades. Segundo reportagens, carros e ônibus velhos poluem quarenta vezes mais do que os novos, e não é por falta de vontade que os donos não os trocam, e sim por falta de dinheiro. **Concluimos**, então, que o mundo capitalista inviabiliza um acordo com o meio ambiente e, enquanto isso, o planeta adoecerá<sup>5</sup>. (grifo nosso).

Nesse exemplo de texto dissertativo, percebemos claramente a unidade central: a preservação do meio ambiente. Além dessa ideia principal, a autora organiza suas ideias secundárias de maneira coerente, a partir de assuntos intrinsecamente relacionados à motivação da primária – poluição e crise econômica. Em sua construção, utiliza-se ainda de estratégias que articulam uma ideia a outra de forma concisa e clara – sem redundâncias ou expressões desnecessárias –, seguindo de uma estruturação adequada à ordem de apresentação (introdução), desenvolvimento e conclusão de suas ideias.

Tendo observado isso, evidenciamos que as intenções presentes em cada texto, falado ou escrito, são mantidas por mecanismos específicos a sua estrutura, mas que desempenham uma função mesma de manutenção do sentido e o melhor fluxo interacional proposta em cada um, em suas diferentes modalidades.

## 1.2 O processo de referenciação

---

<sup>5</sup> Fonte: MARTINS, M. Y. Autodestruição. Exemplos de textos dissertativo-argumentativos. **Educação Brasil**. Disponível em: <<http://educacao.brasil2017.com.br/texto-dissertativo-argumentativo.html#ixzz4YZj0ass7>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

Tendo por base o que estamos discutindo até o momento, os sentidos e significados de um texto são formulados a partir de necessidades específicas de uma dada interação, através de diversos modos da linguagem, que se diferem pelos elementos constitutivos, próprios, que os compõem. Entretanto, por muito tempo, o saber científico, exato, primordialmente nascido nos domínios do pensamento ocidental, tem formulado discursos repousados na hipótese de que a língua é a correspondência mais perfeita do mundo. Parte-se de concepções teóricas que compreendem a língua como um sistema de etiquetas prontas, constituída por uma estabilidade referencial fixa entre as palavras e as coisas, que desconsideram qualquer sujeição possível capaz de conduzi-la para fora dessa condição de apenas reflexo de um grande espelho, metaforicamente falando.

No entanto, é necessário admitirmos que essa iconicidade atribuída a língua tem perpassado por noções utopicamente fadadas ao fracasso, considerando, como já discutido nesse mesmo trabalho, que a linguagem se legitima nos processos de interação, cuja atuação pressupõe operações cognitivas, bem como seu contexto de produção. Ou seja, defendemos que são as práticas discursivas, cognitivo-sociais e contextuais, negociadas entre os sujeitos, que (re)constroem os objetos de discurso e, conseqüentemente, o próprio real.

Assim sendo, apoiando-se nas contribuições fundamentais de Mondada & Dubois (2003), em seu texto “Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação”, e de Koch (2004), em seu capítulo intitulado por “Referenciação”, passaremos a discutir não sobre a noção de referência (produto), mas sim substituiremos esse termo para tratarmos sobre a noção de referenciação (processo).

Com isso, passamos a entender a referenciação como uma progressão “viva”, não estancada, que se estabelece no movimento da atividade interativa entre os sujeitos sócio-cognitivos, numa relação indireta e, por vezes, cientificamente arbitrária sobre o mundo; contudo, de total acordo com o contexto no qual estão situados. Nesse sentido, normalmente não é o material aparente que define as categorias, mas o negociado cognitivamente, nem sempre verbalizado, em concordância com o contexto do mundo.

Para tanto, assim como a instabilização categórica está intrinsecamente relacionada às práticas discursivas dos sujeitos em interação, admitiremos ainda que a estabilização categórica também é intrínseca a elas, pois são compartilhadas pelos grupos sociais que as utilizam. Sabendo disso, vejamos, abaixo, o que Mondada & Dubois (2003) dizem sobre esse processo de instabilização das categorias engendradas na comunicação humana:

Os sistemas cognitivos humanos parecem particularmente adaptados à construção de tais categorias flexíveis, *ad hoc* e úteis a todos os fins práticos, dependentes tanto mais da multiplicidade de pontos de vista que os sujeitos exercem sobre o mundo do que de restrições impostas pela materialidade do mundo (p. 24).

Quer dizer, essa concepção sobre a instabilidade das categorias, embasada em Sacks (1972; 1992 *apud* MODADA; DUBOIS, 2003), destaca bem a ideia de que não é mais o rótulo “correto” a ser empregado sobre determinada pessoa ou coisa de que se fala, mas sobre como os atores sociais resolvem usar uma categoria em vez de outra. Estamos diante de um fenômeno no qual conta mais a necessidade prática que a científica. A problemática volta-se para qual decisão tomar em relação ao contexto em que estão envolvidos, pendendo muito mais para o campo da pragmática da enunciação do que propriamente para a semântica dos objetos.

As autoras trazem à tona a possibilidade de se pensar que, dessa forma, esses discursos afetam muito mais os objetos sociais que os objetos psíquicos, cuja semântica a ser considerada escapa à ideologia, vista como mais precisa, estável, ou mesmo ligada a valores de verdade. Argumentam que não se trata de pensar os objetos sociais como formas de desvios da referência “normal”, e sim de considerar os objetos do mundo físico e natural no centro de uma concepção geral dos processos de categorização discursiva e cognitiva como são aceitos e adotados nas práticas situadas dos sujeitos.

Para exemplificação, Mondada & Dubois (2003) citam o piano como um instrumento musical no contexto de um concerto, ou como um móvel pesado e incômodo no contexto de uma mudança, estando suscetível a tantas outras categorizações dependendo do lugar situacional que se constrói o discurso. Semelhantemente, Rosch (1972; 1992 *apud* MODADA; DUBOIS, 2003) traz a contribuição das categorias flexíveis, em seus estudos, ao defender a necessidade de se pensar essas categorias em termos de casos típicos, em lugar de em termos de fronteiras. Grosso modo, teoria sistematizada em conceitos de que o conhecimento humano é motivado pelos fins adaptativos, dando, assim, margem à construção de categorias para todos os fins práticos.

Dessa forma, entendemos que as categorias não são dadas, e sim, são “o resultado de reificações práticas e históricas de processos complexos, compreendendo discursões, controvérsias, desacordos” (MODADA; DUBOIS, 2003, p. 28). São, na verdade, totalmente influenciadas pelo meio sócio histórico de circulação, afetando diretamente o fluxo constitutivo dos objetos de discurso emersos na atividade interativa. Ou seja, é justamente devido a esse caráter instável das categorias, as quais se modelam de acordo com as

transformações sociais, que podemos, durante as trocas discursivas, construir um objeto de discurso por meio de diversas possibilidades categóricas.

É assim que o processo de referenciação vai sendo, passo a passo, tecido; a partir da compreensão a qual defende Koch (2004), totalmente alheia a simples representação extensional de referentes do mundo extramental. Por esse modo, não tratamos as entidades criadas em situações discursivas referenciais como sendo objetos do mundo, mas sim como os objetos de discurso.

Nosso cérebro não opera como um sistema fotográfico do mundo, nem como um sistema de espelhamento, ou seja, nossa maneira de ver e dizer o real não coincide com o real. Ele *reelabora* os dados sensoriais para fins de apreensão e compreensão. E essa reelaboração se dá essencialmente no discurso. Também não postulamos uma reelaboração subjetiva, individual: a reelaboração deve obedecer a restrições impostas pelas condições culturais, sociais, históricas e, finalmente, pelas condições de processamento decorrentes do uso da língua (KOCH; MARCUSCHI, 1998 *apud* KOCH, 2004, p. 57, grifo do autor).

Como vemos até aqui, a sofisticação cognitiva desempenhada pelos participantes, em acordo com os diferentes contextos, possibilita tanto a “metamorfose” categórica quanto a construção de objetos de discurso sob essa influência. No entanto, observaremos, ainda, que essa mesma capacidade humana possibilita também a estabilização de certas categorias, cujas significações são negociadas e compartilhadas socialmente em uma escala tão representativa quanto a anterior.

Falar sobre a estabilização das categorias remete, a priori, os estudos iniciais de Rosch (1978 *apud* MONDADA; DUBOIS, 2003), que a acomoda à conceituação de protótipos. Conforme explicam Mondada & Dubois (2003), para Rosch, o sistema cognitivo é capaz de criar invariantes psicológicas que dariam estabilidade às interpretações que os homens fazem do mundo, por meio do auxílio dos protótipos. Ainda em relação a essa teoria de Rosch, Koch (2004) contribui dizendo que, em cada categoria, existem membros mais centrais, assim como existem outros membros mais periféricos. Desse modo, os elementos que estão no centro tendem a serem os protótipos.

A título de exemplo, Koch (2004) mostra que canário *versus* avestruz está para a categoria de pássaro ou cadeira *versus* ventilador para a categoria de móvel. A estudiosa explica, segundo a definição de Rosch, que os protótipos são unidades linguísticas discretas, descontextualizados em relação aos paradigmas disponíveis e estabelecidos na língua. Corresponde à noção de rótulos (insistentemente mantida pelo pensamento científico),

estabilizando o movimento sequencial dos processos discursivos, ou mesmo atuando como uma espécie de controladores das categorias.

Os protótipos, essencialmente invariáveis mesmo através dos contextos, são compartilhados por inúmeros indivíduos através da comunicação, fazendo deles objetos socialmente distribuídos e estabilizados no seio desses mesmos grupos. Assim, quando esses protótipos passam a ser devidamente partilhados, evoluindo para uma representação coletiva, constituem-se os chamados estereótipos.

As noções de prototipicidade e de estereotipia vêm se aproximando do conceito de esquemas ou modelos sociocognitivos, isto é, das formas de representação dos conhecimentos pelos membros dos grupos sociais, de acordo com suas práticas culturais, suas atitudes com relação a essas práticas e aos atores sociais, variáveis espaço-temporais, “props” e outros elementos que as constituem como tais (frames, scripts, cenários etc.) (KOCH, 2004, p. 56).

Como vemos, de acordo com Koch (2004), é indispensável pensarmos a estabilização categórica como algo totalmente negociado e compartilhado entre os sujeitos, também, de maneira sociocognitiva, altamente controlado pelas percepções e saberes de mundo deles. Entretanto, não os entendendo como estáticos, mas sensíveis a (re)construção tanto sincrônica como diacronicamente. É entender que não importa como venha proceder os encadeamentos discursivos, todos passarão pela aceitação dos grupos que interagem socialmente, e que possuem forças para decategorizar<sup>6</sup> e recategorizar<sup>7</sup> as categorias no momento que acharem mais pertinente.

### **1.2.1 Algumas estratégias de referenciação textual e discursiva**

Pensando sobre o que estamos tentando esclarecer, o processo referencial pode muito bem ser entendido como a constituição de uma memória discursiva, que vai sendo tecida, naturalmente, ao longo da atividade interacional. A ela [memória discursiva] podemos determinar, ao menos em parte, as possíveis seleções referenciais, pelos interlocutores, durante os sucessivos estágios de representação do discurso. Bem como afirma Koch (2004), “o discurso constrói aquilo a que faz remissão, ao mesmo tempo que é tributário dessa construção” (p. 61).

---

<sup>6</sup> Tornar a categoria outrora estável em instável, ou seja, é fazê-la evoluir sob o efeito de uma mudança de contexto ou de ponto de vista (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 27).

<sup>7</sup> Ocorre quando a comunicação sofre modificações, fazendo com que uma entidade (prototípica ou estereotípica) passe do ponto central de seu domínio semântico para um ponto periférico, provocando, assim, uma recategorização (MONDADA; DUBOIS, 2003).

Para tanto, é importante citarmos que, esses objetos discursivos que vão sendo elaborados, podem passar por processos diversos de (re)construção, dos quais citamos: retomada, remissão e referenciação. Conforme aponta Koch (2004), retomar implica remissão e referenciação; isto é, é concebida pela atividade de continuidade de um núcleo referencial, podendo haver relação de identidade ou não. A remissão, por sua vez, não implica, necessariamente, continuidade (retomada), mas implica referenciação; pois é uma atividade que depende muito do contexto de proferimento, ou seja, de maneira indexial na cotextualidade. Já referir, segundo Koch (2004), não implica remissão pontualizada nem retomada; se realiza em um formato mais amplo, configurando-se como uma atividade de designação realizável por meio da língua sem implicar uma relação especular língua-mundo.

Portanto, sendo a referenciação um caso de operação dos elementos designadores, todos os casos de progressão referencial são baseados em algum tipo de referenciação, não importando se são os mesmos elementos que recorrem ou não. A determinação referencial se dá como um processamento da referência na relação com os demais elementos do co-texto (ou mesmo do contexto), mas não necessariamente como retomada referencial (correferenciação) (KOCH, 2004, p. 59).

Assim sendo, a partir do processamento, os objetos de discurso podem ser construídos e (re)construídos através de referenciações diversas. Eis que, agora, citaremos algumas dessas diversas estratégias que corroboram à referenciação, à luz das contribuições de Koch (2004) e Koch & Elias (2006), em seu capítulo “Referenciação e progressão referencial”:

- Construção/ativação: ocorre quando um “objeto”, até então não mencionado, é, pela primeira vez, introduzido no interior textual, ocupando um “endereço” cognitivo que permitirá ser reativado a qualquer momento pela memória.
- Reconstrução/reativação: ocorre quando o objeto de discurso, já conhecido na memória discursiva, é reintroduzido na memória operacional, por meio de uma forma referencial.
- Desfocalização/desativação: ocorre quando um novo “objeto” é introduzido na atividade interativa, passando a ocupar a posição focal. No entanto, o objeto de discurso anterior permanece em ativação parcial (*stand by*), quer dizer, está suscetível a tomar posição focal imediata, a qualquer momento, pelos interlocutores.



Vejam como essas estratégias se apresentam a partir do exemplo abaixo:

**Famílias do Recife** e do Interior do Estado estiveram, na manhã do domingo, na Praça da República, área central do Recife, para a 8ª Caminhada Pernambucana da Adoção. O grupo seguiu em direção ao Marco Zero, no Bairro do Recife, guiado pela Associação Pró-Adoção e Convivência Familiar do Recife (Gead). *O objetivo foi chamar a atenção das pessoas para a adoção como um processo natural e necessário*<sup>8</sup>. (grifo nosso).

Como podemos observar, temos a construção/ativação de um referente principal – famílias do Recife –, em seguida, evidenciamos sua reconstrução/reativação por meio da expressão: o grupo, sendo, posteriormente, desfocalizado/desativado pelo novo objeto de discurso: a adoção.

Dessa maneira, tornam-se claro como os referentes são moldados durante a atividade discursiva, podendo ser operacionalizados por meio das escolhas significativas dos sujeitos sobre o material linguístico à sua disposição. De acordo com Koch & Elias (2006), “as formas de referenciação são escolhas do sujeito em interação com outros sujeitos, em função de um querer-dizer” (p. 124). Nesse sentido, apenas reforçamos nossa defesa em relação ao que admitimos como objetos de discurso, os quais se (re)constroem dentro do próprio processo de interação, através de uma sofisticação cognitiva que não se confunde com a realidade do mundo.

É possível evidenciar esse trabalho cognitivo, de maneira mais palpável, quando analisamos melhor os processos de ativação/reativação na memória decorrentes das formas de remissão dos interlocutores no ato comunicativo. Como sabemos, a construção/ativação do objeto de discurso (categorização) pode, em qualquer momento, sofrer operacionalizações que o levem a uma reconstrução/reativação desse mesmo objeto (recategorização), a partir de estratégias cognitivas capazes de encapsularem/sumarizarem ou rotularem à medida que o discurso se desenvolve.

O encapsulamento atua com função de sumarizar as informações expressas anteriormente, encapsulando-as em uma expressão nominal. Semelhantemente, os rótulos são expressões nominais de parte do cotexto, capaz de estabelecer um novo referente que, por sua vez, poderá constituir o tema dos enunciados subsequentes. Vejam o exemplo abaixo:

---

<sup>8</sup> Fonte: FOLHAPE. Famílias participam de caminhada pela adoção. **Folha de Pernambuco**. Pernambuco, 20 maio 2018. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/noticias/noticias/cotidiano/2018/05/20/NWS,68899,70,449,NOTICIAS,2190-FAMILIAS-PARTICIPAM-CAMINHADA-PELA-ADOCASO.aspx>>. Acesso em: 20 maio 2018.

Sem conseguir acabar com a greve dos caminhoneiros, o governo Michel Temer pressiona a Polícia Federal a acelerar investigações e prender suspeitos de dar suporte ilegal ao movimento. **A ofensiva atípica** em cima da PF ignora o fato de os inquiridos serem sigilosos e estarem em fase inicial e se dá em meio a diversas tentativas frustradas de interromper a paralisação<sup>9</sup>. (grifo nosso).

No exemplo, a expressão nominal “a ofensiva atípica” além de encapsular, sumarizar as informações precedentes, rotula o segmento, de modo que dá abertura para o prosseguimento extensivo do texto. Nesse caso, estamos diante daquilo que chamamos por formas híbridas, referenciadoras e preditivas, pois atuam em função cognitivo-discursiva dupla, referenciando toda uma sequência de informações, ao passo que, também, posiciona-se como elemento de previsão para as futuras ideias que se seguirão.

Esse fenômeno, como pode ser percebido, introduz mudanças ou desvios do tópico, entretanto, preservando a continuidade da informação principal, isto é, são alocadas informações novas dentro do quadro informacional dado, formando a ligação entre tópicos e subtópicos. Assim, o texto ganha o que denominamos como organização macroestrutural, que, a partir de suas construções textuais complexas, responsabiliza-se pelo movimento simultâneo de retroação e progressão.

Entre outras formas de estratégias referenciais, podemos citar, ainda, as glosas pelos usos de hiperônimos, que têm como propósito retomar termos menos usuais, como, por exemplo: bactérias para retomar antraz. Temos a especificação por meio da sequência hiperônimo/hipônimo que, embora seja relativamente condenada pela norma (que, preferencialmente, defende a sequência hipônimo/hiperônimo), permite apresentar, de forma compacta, informações novas sobre o objeto de discurso. Essa anáfora especificadora, assim denominada, frequentemente é introduzida pelo artigo indefinido, como no exemplo: uma catástrofe hiperônimo de uma epidemia de Ebola.

Citamos ainda a construção de paráfrases definicionais e didáticas, as quais elaboram definições que propiciam a introjeção na memória de um léxico novo, por exemplo: pífaros, *a posteriori* definido como: esta espécie de flautim militar, que produz sons agudos e estridentes (KOCH, 2004, p. 75). Temos mais: introdução de informações novas: quando novas informações vão sendo acrescidas em relação ao referente; orientação argumentativa: quando realizada pelo uso de expressões metafóricas ou não, normalmente presentes em

---

<sup>9</sup> Fonte: FOLHAPE. Governo pressiona PF por prisões para acabar greve. **Folha de Pernambuco**. Pernambuco, 29 maio 2018. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/economia/economia/crise-dos-combustiveis/2018/05/29/NWS,69918,10,1137,ECONOMIA,2373-GOVERNO-PRESSIONA-POR-PRISOES-PARA-ACABAR-GREVE.aspx>>. Acesso em: 29 maio 2018.

gêneros opinativos; e categorização metaenunciativa de um ato de enunciado: ocorre quando há uma categorização e/ou avaliação da própria enunciação realizada.

É válido citarmos que, os processos referenciais não somente acontecem a partir do movimento de retomada anafórica, mas podem ser desenvolvidos, igualmente, de maneira inversa: como é o caso da catáfora. Assim sendo, a catáfora, diferentemente da anáfora, tem por função antecipar informações, no texto, sobre um objeto de discurso ainda não conhecido, numa espécie de referenciação prospectiva. Vejamos logo mais:

Vermelho, laranja, amarelo, verde, azul e roxo. As cores da bandeira LGBT desfilaram por Moscou durante a Copa do Mundo sem levantar suspeitas. Foram disfarçadas em camisas de futebol<sup>10</sup>. (grifo nosso).

Claramente, as adjetivações empregadas no texto acima, representadas pelos nomes das cores, atuam como facilitadoras e antecipadores de informações sobre o objeto de discurso adiante introduzido: as cores da bandeira LGBT. Com isso, percebemos um movimento inverso, que, predominantemente, em casos catafóricos, requer do leitor/interlocutor uma atenção mais prolongada sobre o texto, para que, assim, se alcance o referente que se trata.

No mais, podemos perceber como os objetos de discurso passam a ser construídos e reconstruídos ao longo da atividade interativa, que, conforme esclarece Koch (2004), “[os objetos de discurso] são, portanto, altamente dinâmicos, ou seja, uma vez introduzidos na memória discursiva, vão sendo constantemente transformados, recategorizados no curso da progressão verbal” (p.79).

### 1.3 O procedimento dêitico

Conforme ao que estamos tecendo nesse trabalho, as discussões sobre referenciação nos permite compreender que sua atuação, bem como sua significação, pressupõe interesses sociocomunicativos específicos em relação a determinados grupos em interação. Dessa forma, torna-se muito mais satisfatório considerarmos que tais processos se configuram, em sua maior força, a partir de propostas voltadas para o uso do que estagnadas

---

<sup>10</sup> Fonte: FOLHAPE. Protesto disfarçado cria bandeira LGBT com camisas da Copa. **Folha de Pernambuco**. Pernambuco, 09 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/noticias/noticias/mundo/2018/07/09/NWS,74368,70,451,NOTIIAS,2190-PROTESTO-DISFARCADO-CRIA-BANDEIRA-LGBT-COM-CAMISAS-COPA.aspx>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

por um código científico intocável. O referente, assim, encontra-se em vulnerável tendência a sofrer ressignificações no contexto em que se inscreve, admitindo um caráter dinâmico e maleável.

Nesse sentido, o “querer-dizer” se efetiva em maior dimensão se comparado ao dizer rígido literal, falamos de um processo comunicativo também pensado no contexto de sua enunciação. Estamos considerando as influências cognitivas dos sujeitos, cujos mecanismos abrangem questões pessoais, sociais, espaciais, temporais e textuais capazes de organizar as construções dos referentes como também o andamento dele. Por isso, é nessa perspectiva que passaremos a admitir a ação da dêixis junto às possibilidades de referenciação durante a interação.

Sendo assim, nos apoiaremos em discussões levantadas por Oliveira & Silva (2017), em seu texto “Dêixis e pragmática: um estudo da linguagem em contexto” – para discussões em perspectiva pragmática –; Ciulla & Martins (2017), em seu trabalho “Um estudo sobre classificações de tipos dêiticos” e Cavalcante (2000), em seu artigo “A dêixis discursiva” – para discussões em perspectiva discursiva.

O termo dêixis é de origem grega, cujo significado corresponde a apontar ou indicar. Mesmo sabendo que muitas outras manifestações sobre esse fenômeno já foram lançadas, há ainda a predominância de estudos que conservam o apontamento e a remissão como principal característica dos elementos dêiticos. Para tanto, Ciulla & Martins (2017) deixam claro que isso se dá muito devido a estudos embasados nas teorias de Bühler, o primeiro teórico a definir a dêixis.

Segundo as autoras, Bühler (1982) [1934] partia do ponto de vista da percepção corporal humana para definir a dêixis, dizendo que, quando uma pessoa usa um termo dêitico, ela o faz tendo como direção norteadora o seu próprio corpo, por meio de apontamentos, na situação comunicativa. Desse modo, o teórico propôs a divisão de dois tipos de signos linguísticos: *Zeigwörter*<sup>11</sup> (palavras mostrativas) e os *Nennwörter*<sup>12</sup> (palavras nomeadoras); ou seja, para Bühler, apontar e nomear seriam atos distintos com funções distintas.

No entanto, Ciulla & Martins (2017), em conformidade com Cavalcante (2000), defendem que a língua é um processo de interação e que seu sentido é flutuante, efetivando-se na negociação compartilhada entre os sujeitos, no ato da comunicação. Diferentemente de Bühler (1982) [1934], que ignorava as relações intersubjetivas na interação entre os falantes,

---

<sup>11</sup> Conjunto de expressões dêiticas definidas pela pessoa que fala: eu, aqui, agora.

<sup>12</sup> Conjunto de expressões dêiticas que funcionam como símbolos, em relação aos conhecimentos dos falantes, tanto em nível linguístico quanto pragmático.

ao caracterizá-las apenas como guias das percepções do seu destinatário a um determinado referente, através de um elemento dêitico.

As teóricas afirmam que não basta identificar quem diz *eu*, para o reconhecimento e definição da dêixis, mas sim é preciso compreender o papel do sujeito da enunciação e tudo o que de complexo isso implica. Nessa perspectiva, mostram que a sofisticação intersubjetiva não se limita a questões meramente formais de remeter às pessoas do discurso, o que faz com que o centro da enunciação deixe de ser o sujeito para se tornar a relação desse sujeito com o discurso e o contexto de produção.

De acordo com Cavalcante (2000), é necessário se pensar em possibilidades claras de distinção entre o procedimento dêitico e o procedimento anafórico, tendo em vista que nem sempre é obrigatório o uso de uma expressão dêitica para que esse fenômeno ocorra, assim como nem sempre o uso dessas expressões indiquem, de fato, o processo. Vejamos o que Cavalcante (2000) diz:

Os procedimentos dêitico e anafórico desempenham, de fato, funções inteiramente distintas no discurso [...]. No entanto, não se deve incorrer no equívoco de condicioná-los ao uso de formas dêiticas e anafóricas, respectivamente. Ou, melhor explicando: não se deve supor que compete exclusivamente aos dêíticos monitorar a atenção dos interlocutores na comunicação, pois existem anafóricos compostos de sintagmas nominais contendo dêíticos que operam de modo análogo. [...] Alguns mitos da separação de dêixis e anáfora se destroem, com efeito, quando se deixa de reduzir os anafóricos ao pronome *ele* (ou *zero*) e às expressões definidas; bem como quando se deixa de pensar os dêíticos como elementos de remissão exclusivamente extralinguística (p. 50-51).

Conforme as palavras da autora, é importante evitarmos generalizações limitadas em relação aos procedimentos dêitico e anafórico, sobretudo quando passamos a entender a complexidade de suas realizações. Sabendo disso, Cavalcante (2000) inicia suas afirmativas apontando os dois critérios mais efetivos para a caracterização dos dêíticos discursivos (atualmente chamados de dêíticos textuais), ao atribuir-lhes a função de “referência a porções difusas do discurso e a consideração do posicionamento do falante na situação enunciativa” (CAVALCANTE, 2000, p. 47).

Quer dizer, os dêíticos discursivos apresentam-se dentro de um processo de recuperação enunciativa, situando posição (momento da fala, antes ou depois), bem como o jogo de ideias dispersas ao longo do enunciado. Isso implica dizer que, numa referenciação dêitica, só será possível identificarmos a entidade referenciada se levarmos em consideração o sujeito que enuncia e, conseqüentemente, o tempo ou o local que se estabelece a enunciação,

ou seja, é preciso que os dois fenômenos aconteçam de maneira harmoniosamente simultâneas.

Ao contrário do que vimos na subseção anterior desse trabalho, as estratégias referenciais de caráter anafórico, mesmo podendo se efetivar a partir de expressões nominais complexas, sumarizando ou encapsulando informações precedentes, estabelece-se de forma diferente. Em contrapartida aos dêiticos, as anáforas não deixa subentendida a posição do falante no tempo de formulação; o que as configura como reativadoras de um referente específico, cujo foco se dá no texto e não no seu contexto de proferimento.

Embora estabelecendo essas definições mais estáveis, Cavalcante (2000) contribui, ainda, apresentando alguns dados de sua pesquisa sobre certas expressões que tendem a ser mais utilizadas tanto nos procedimentos dêiticos quanto nos anafóricos. Entre outras coisas, observou-se, em seus dados, que há uma relação íntima entre forma, função e valor semântico nas expressões indiciais (expressões que contêm dêiticos). Percebeu-se que, por vezes, tais expressões recuperam, sim, partes extensas do discurso, contudo dispensam o referencial do falante. Outras, por sua vez, remetem as coordenadas dêiticas, contudo não retomam informações difusas.

Cavalcante (2000) constatou, em uma amostra de 2000 ocorrências, a predominância de itens de valor demonstrativos, tanto nos anafóricos como nos dêiticos, quando comparados com os pronomes de natureza circunstancial. Desse modo, os procedimentos anafóricos foram observados com maior incidência em expressões compostas por pronomes em função adverbial, assim como nos elementos de valor demonstrativo manifestados como pronomes adjetivos. Já os dêiticos discursivos, percebeu-se manifestação dominante como pronomes substantivos.

Nesse sentido, considerando os fatores de ordem cognitivo-discursiva, exaustivamente citados aqui, é que se constata a prevalência de dêiticos discursivos como pronomes demonstrativos substantivos. Principalmente, porque os demonstrativos, em caráter neutro (isso, isto, aquilo), tende a ser um recuperador mais abrangente, se comparados com pronomes adjetivos, que tendem a resgatar elementos mais específicos.

O nome, em função substantiva, delimita um universo de discurso; o demonstrativo estabelece o “universo mostrado”, o campo dentro do qual o referente se sobressai em relação a outras entidades. O papel do demonstrativo é, por definição, mostrar, tornar saliente uma entidade (CAVALCANTE, 2000, p. 52).

Grosso modo, os dêiticos discursivos resumem conteúdos proposicionais de um universo discursivo. Conforme explica Cavalcante (2000), as expressões dêiticas aparecem com a função categorizadora por meio das estratégias de nominalização, tendo em vista que não recuperam uma expressão-fonte exata, diferentemente das expressões anafóricas que, comumente, atuam como recategorizadoras de um referente situado.

Ao fim de suas contribuições, a autora cita ainda a particularidade estratégica dos dêiticos discursivos: que é a de rotular segmentos textuais. Segundo explica, os rótulos são importantes recursos de organização argumentativa, bem como eficientes elos coesivos, compostos por um dêitico discursivo e um nome-nuclear, semanticamente genérico. Cavalcante (2000) apresenta três espécies de nomes rotuladores, dos quais veremos abaixo:

- **Nomes gerais:** possuem significação potencialmente genérica, podendo ser aplicada para uma ampliada variedade de conteúdos. Por exemplo: coisa, negócio, questão etc. (CAVALCANTE, 2000, p. 54);
- **Nomes metalinguísticos:** rotulam uma extensão discursiva a partir de um tipo particular de linguagem. Caso de área, aspecto, frase, episódio etc. (*Idem*, p. 54);
- **Nomes em situação intermediária:** atuam como intermediário entre as duas espécies rotuladoras vistas anteriores. Exemplos: por este motivo, esta situação, dessa natureza, nessa circunstância etc. (*Idem*, p. 54).

Dessa forma, com a ajuda indispensável de Cavalcante (2000), propomos lançar critérios comuns às possibilidades de realização de expressões em caráter dêitico e anafórico. No entanto, evidenciamos ainda que a linha que os separa se comporta tênue demais, principalmente em relação aos procedimentos dêiticos. Por isso, em defesa compatível com as proposições de nossa pesquisadora, defendemos que é necessário ser considerados cada um dos critérios percorridos para que tais limites se configurem de modo mais delimitado.

### 1.3.1 Tipos Dêiticos

Após serem feitas as devidas considerações, buscaremos apresentar, agora, alguns tipos de dêixis apresentados por Ciulla & Martins (2017), em conformidade com as propostas de Cavalcante (2000) e Fonseca (1989), juntamente com as apresentadas por Oliveira & Silva (2017). A princípio, iniciaremos as discussões apresentando os cinco tipos dêiticos comumente mencionados: pessoal, social, espacial, temporal e textual; posteriormente,

falaremos, de forma breve, sobre outros possíveis dêiticos, emergidos a partir da análise de alguns teóricos.

- **Dêixis pessoal:** “apresenta maior grau de pessoalidade e é a responsável pelas indicações dos demais tipos de dêixis” (CIULLA; MARTINS, 2017, p. 83), em geral, as utilizamos para remeter as pessoas do discurso. Exemplo: Eu posso fazer.

Como bem explica as autoras, neste exemplo, observamos que o pronome *eu* aparece na intenção de indicar exatamente quem diz “eu”, ou seja, o sujeito do ato da enunciação. Assim, é necessário que estejamos, mais ou menos, entrosados junto ao contexto em que se instaura a enunciação, para identificarmos a entidade referida, no caso, o “eu” enunciador.

- **Dêixis social:** constitui-se sob o viés das formas de tratamento. Exemplo: Doutor, qual pode ser o problema?

Ciulla & Martins (2017) discordam dos posicionamentos mantidos por Cavalcante, quando considera que a dêixis social venha a ser um subgrupo da dêixis pessoal. Segundo as autoras, esse fenômeno não se estabelece como subgrupo da dêixis pessoal, pois “não institui a relação fundamental e organizadora da língua eu-tu/você, como os pronomes de pessoa, mas está ligado às relações sociais e de poder que se estabelecem culturalmente” (CIULLA; MARTINS, 2017, p. 83).

- **Dêixis espacial:** aponta “os espaços em determinada situação comunicativa, tomando como ponto de partida a posição do locutor” (CIULLA; MARTINS, 2017, p. 83). Exemplo: Coloque a estátua à direita da pilastra.

Como percebemos, para entendermos a posição do referente citado, é imprescindível, considerarmos “o espaço em que se acha o enunciador, dentro da enunciação que se efetiva próxima ao falante” (OLIVEIRA; SILVA, 2017, p. 94).



- **Dêixis temporal:** “remete a um tempo só identificável se considerado a partir da posição temporal dos falantes da enunciação. É um tempo dinâmico” (OLIVERIA; SILVA, 2017, p. 93). Exemplo: No próximo mês, terminarei o TCC.

De acordo com Ciulla & Martins (2017), a dêixis temporal encontra-se numa posição de “terceiro tempo” no grau de deiticidade, pois sua identificação pressupõe a localização de um elemento dentro de um espaço organizado a partir das coordenadas do falante. Em resumo, é preciso recorrer ao tempo em que se encontra o falante.

- **Dêixis textual:** “se aplica a um entorno espaço-temporal metaforizado, embora não represente uma mera transferência da situação comunicativa real para a disposição de conteúdos no texto” (CAVALCANTE, 2000 *apud* CIULLA; MARTINS, 2017, p. 84). Exemplo: Conforme tratado acima...

Como podemos ver, e já discutido, a dêixis textual tem o papel de direcionar, através de ações cognitivas, a posição em que se encontra uma sequência textual em relação aos seus referentes. O advérbio “acima”, nesse sentido, além de proporcionar uma linha mais coerente no desenvolvimento textual, sinaliza o local da própria informação referenciada.

Ciulla & Martins (2017), em conformidade com Ciulla (2012), acrescentam ainda a dêixis de memória às suas discussões. Essa dêixis está intimamente relacionada ao espaço de memória comum aos interlocutores, ou mesmo compartilhado por eles (por exemplo: Aquele tempo em que tentaram silenciar nossas vozes). Como as autoras explicam, na dêixis de memória, parece mais adequado supô-la como um subgrupo da dêixis espacial, devido ao resgate de um espaço-temporal rememorado no ato enunciativo. “Assim, a memória não seria um eixo de coordenadas, mas aquilo em que a imaginação se fundamenta para criar esse novo espaço em que os referentes se situam” (CIULLA; MARTINS, 2017, p 85).

Estendendo o campo de estudo dos dêiticos para outras possibilidades defendidas por Fonseca (1989 *apud* CIULLA; MARTINS, 2017), e cujo embasamento se pauta nos estudos pioneiros de Bühler (1982) [1934], podemos citar, pelo menos, mais três tipos de dêixis, das quais apresentamos abaixo:

- **Dêixis indicial<sup>13</sup>**: localiza os referentes no interior das relações de interação, a partir de meios sensoriais (principalmente aos relacionados à visão e audição), seja por sons, entonação, percepção espacial de onde se fala, entre outros. Exemplo: “Sou eu o pai deste menino”. (CIULLA; MARTINS, 2017, p. 85, grifo do autor).

Nesse exemplo, a expressão “deste menino” remete a um referente visual, o qual se pressupõe presença na cena em que a interação acontece, o que torna clara a necessidade visual sobre o referente para, então, se poder conhecê-lo. Ao longo de suas pesquisas, Fonseca (1989) expande esse campo sensorial para além do campo mostrativo situacional face-a-face, conforme explica Ciulla & Martins (2017):

Uma implicação de uma noção assim tão alargada de dêixis, pelo traço da ostensão, é o fato de que, então, pela própria explicação de Fonseca (1989), um tom de voz pode ser um dêitico, o barulho de um trem que passa ou um cheiro, enfim, qualquer elemento, que ajude o interlocutor a localizar os referentes em questão, configurar-se-ia como um dêitico, esvaziando-se, assim o seu significado (p. 86).

Ou seja, como podemos ver, através dessa abertura expressiva das noções de dêixis, um mesmo referente pode ser ativado por meio de inúmeros outros referentes, seja ele conhecido ou apenas pressuposto.

Sob essa mesma ótica, Fonseca (1989 *apud* CIULLA; MARTINS, 2017) apresenta um subtipo de dêixis indicial: a dêixis modal. Para a autora, como explicam Ciulla & Martins (2017), a dêixis modal dá margem à ação de outros sentidos durante o transcórrer do ato referencial, de modo a extrapolar o auditivo e visual. Dessa forma, a pesquisadora diz que, a dêixis modal “permite apontar para movimentos corporais, atitudes e sensações de várias ordens” (FONSECA, 1989, p. 122 *apud* CIULLA; MARTINS, 2017, p. 86), ficando ainda mais evidente, em virtude de suas pesquisas, quando observado mediante o uso de dêiticos plurivalentes como “assim” e “deste modo”, por exemplo.

Como título de exemplo, podemos recorrer a uma sentença como esta: “Para um melhor caimento, é indicado que se aperte o vestido assim”. Nessa dêixis, podemos perceber que a expressão “assim”, que atua como dêitico, não apenas considera a situação em que ocorre a comunicação e, conseqüentemente, as circunstâncias de seu locutor, mas também o

---

<sup>13</sup> Primeiramente nomeada por Bühler (1982) [1934] como dêixis *ad oculos*. Para o teórico, esse caso de dêixis pressupunha a localização de referentes dentro do próprio campo mostrativo situacional, isto é, numa situação de interação face-a-face.

modo como é realizada essa ação. Novamente, admitindo-se a inserção do *eu-aqui-agora*, na situação comunicativa em vigência, para que se tenha uma compreensão perfeita.

- **Dêixis fictiva<sup>14</sup>**: aponta “para os referentes ou os acontecimentos situados na memória ou na imaginação, presentes num campo mostrativo imaginário, a partir de ‘uma imagem mental’ criada pelo interlocutor para reproduzir e se localizar, instaurando-se como uma nova *origo*” (CIULLA; MARTINS, 2017, 87). Exemplo: “Na Rotunda da Boavista, estás a ver aquela casa verde, à direita, depois de saíres do Correio? É aí” (FONSECA, 1989, p. 221 *apud* CIULLA; MARTINS, 2017, 87).

Em equivalência ao nome dessa dêixis, sua função é igualmente semelhante, a de reportar ações, estados ou lugares mentalmente compartilhados entre seus interlocutores. Isto é, a reportar lugares reais (físicos), mas que se apresentam quase de maneira “espectral” no ato comunicativo.

Ciulla & Martins (2017) problematizam o acréscimo desse tipo de dêixis, apontando que seu comportamento não se difere de outros exemplos já citados aqui. Isso se dá, segundo as autoras, pois Fonseca (1989) não se interessa em observar o campo mostrativo “visível” ou “não visível”, mas, sim, os seus modos referenciais: sejam em situações “reais” ou “fictivas”. Para tanto, Ciulla & Martins (2017) afirmam: “não nos parece que a dêixis, quando em um contexto ficcional, comporte-se de maneira diferente, comparando-se a outros contextos. E, por isso, não haveria justificativa para um tipo adicional, apenas por remeter a um contexto de ficção”. (p. 88).

Muito embora as colocações apresentadas pelas pesquisadoras apareçam de maneira pertinentemente sugestiva, consideramos que não são apenas os modos referenciais que diferenciam os tipos de dêixis, mas também os recursos interpretativos por cada uma delas demandados. Nesse sentido, defendemos que a dêixis fictiva se difere da dêixis modal, por exemplo, por remeter a um lugar compartilhado mentalmente pelos envolvidos no ato referencial; o que não acontece, necessariamente, na dêixis modal, que tanto pode ser já conhecida ou não, como se fazer conhecida no próprio momento da enunciação. Desse modo, sendo esse o nosso diminuto desacordo com as proposições de Ciulla & Martins (2017).

---

<sup>14</sup> Nomeada por Bühler (1982) [1934] como dêixis *am phantasma*.

Em geral, a partir do que discorremos acima, ficou claro o quanto a dêixis pode se modelar às diversas situações que vivemos, das quais requerem buscas referenciais que auxiliam no fluxo favorável para a comunicação. Sabendo disso, partiremos agora para o próximo capítulo deste trabalho, no qual pretendemos observar e analisar como essas teorias se aplicam em interações comunicativas cotidianas em um grupo de *WhatsApp* familiar.

## CAPÍTULO II

### 2 DO MÉTODO À ANÁLISE: OS MODOS REFERENCIAIS NAS INTERAÇÕES COMUNICATIVAS DO *WHATSAPP*

Neste capítulo, iremos materializar, da melhor maneira possível, as teorias acima visitadas a partir dos casos práticos coletados em nosso *corpus* de análise. Mostraremos como as manifestações comunicativas têm se alinhado às inovações tecnológicas à nossa disposição, evidenciadas através da diversidade de recursos que utilizamos durante uma conversa aparentemente despreocupada de *WhatsApp*. Todavia, antes disso, apresentaremos algumas considerações a respeito do caminho metodológico traçado, que nos levou a tais descobertas em relação ao “fazer” interativo/comunicativo.

#### 2.1 Metodologia e critérios para escolha dos corpora

A estruturação metodológica deste trabalho apresenta-se, basicamente, dividida em dois subtópicos, cujas funções se enquadram na busca de melhor sistematizar nossas propostas investigativas. Para tanto, começaremos apresentando o passo a passo da pesquisa, de modo a situar a natureza do *corpus* coletado, assim como suas especificidades constitutivas. Posteriormente, trataremos sobre as características gerais do lugar de pesquisa, o *WhatsApp*, no intuito de justificar nosso interesse pelo ambiente.

##### 2.1.1 Passo a passo

O *corpus* utilizado em nossas análises foi coletado de um grupo familiar de *WhatsApp*, do qual também fazemos parte, por meio de uma pesquisa quantitativa, direcionada à observância de diferentes fenômenos referenciais construídos nas interações. Sob o nome *Família Pereira*, o grupo foi criado no dia 28 de março de 2016, por um dos membros que ainda permanece atuante no grupo, estando atualmente composto por 21 participantes. Nosso interesse pelo grupo *Família Pereira* se deu pelo fato de ser um ambiente no qual a interação comunicativa entre seus integrantes aconteciam diariamente se

comparado a outros grupos observados no período<sup>15</sup>. Outro fator a ser considerado foi a natureza e a dinamicidade das mensagens que circulavam por ele, as quais eram praticadas de maneira comumente informal, como também através de multimodos textuais diversos.

Para este trabalho, selecionamos oito imagens de conversas, coletadas em formato de *print*, cujas datas de publicação se deram no período de 09 a 19 de março de 2018. Entre todas as mensagens selecionadas, encontramos a publicação de uma mensagem de voz, que foi brevemente transcrita com base nas normas estabelecidas por Fávero *et al* (2000, p. 117-119 – cf. anexos) (que se encontra, na íntegra, no anexo deste trabalho), que teve por base as normas de transcrição do projeto Norma Urbana Culta da cidade de São Paulo (NURC/SP).

Dessa forma, para um melhor entendimento sistemático das procedências tomadas, nossa metodologia foi organizada nas seguintes etapas:

1. Discussão com a orientação sobre o fenômeno a ser estudado. Considerando o apreço pelos estudos em LT e as poucas pesquisas relacionadas à referenciação em construções multimodais no aplicativo *WhatsApp*;
2. Investigação mais cuidadosa para verificar a possibilidade de coleta de *corpus* para análise. Para as quais fizemos a escolha das oito práticas *printadas* em formato de imagem, dentre as demais, para verificar a possibilidade de encontrarmos o fenômeno aqui estudado;
3. Levantamento das formas referenciais estabelecidas durante os processos interacionais do grupo, selecionando-as, para compor o nosso *corpus*, a partir de sua relevância ao que concernia as nossas pretensões investigativas;
4. Transcrição da mensagem de voz, adaptada às normas de transcrição, a partir de Fávero *et al* (2000), como já mencionado;
5. Revisão de bibliografia para a elaboração do referencial teórico;
6. Análise do *corpus*, destacando os modos referenciais no interior das práticas interativas.

Para efeito de esclarecimento, ressaltamos ainda que algumas das imagens *printadas* tiveram repercussões maiores em relação a outras. Veremos que alguns objetos de discurso receberam maior foco, se quando comparado a outros que foram somente categorizados pelo mesmo integrante a postá-lo. Perceberemos que a imprevisibilidade

---

<sup>15</sup> É válido citarmos que, antes de escolhermos o grupo citado, foram observados outros grupos de *WhatsApp*, dos quais, também, fazíamos parte.

discursiva, em um grupo composto por vários participantes, é muito comum e acentuada devido, entre outras coisas, que a sua repercussão depende da relevância sociocognitiva, até certo ponto, estabelecida pelo grupo.

### 2.1.2 O *locus* da pesquisa: *WhatsApp*

O *WhatsApp* é um aplicativo de mensagens gratuito criado em 2009, o qual permite trocar mensagens pelo telefone celular ou computador, além de possibilitar o compartilhamento de inúmeros recursos textuais, compreendendo desde a escrita e a fala, à recursos de natureza audiovisual e imagética. Sua influência na vida dos seus usuários tem ganhado grandes proporções à medida que sua utilização se amplia e se moderniza, exigindo apenas o acesso a um computador ou celular inteligente, junto à conexão com a Internet, para desfrutar de suas ferramentas.

Através das pesquisas realizadas por Ferreira & Arruda Filho (2014), evidenciou-se que o *WhatsApp* tem sido um dos aplicativos de rede social mais bem aceitos pelos usuários, ao que concerne a sua facilidade de uso, sua confiabilidade e gama de serviços. Vejamos o que os autores falam sobre isso:

os usuários consideram o *WhatsApp* como universal, rico, mais leve, confiável, e não pensam em troca-lo por outro, demonstrando claramente a admiração pela rede. Eles não se importam com outras redes competidoras e nem com problemas técnicos, ou pagamentos, essa rede para eles expressa o que há de melhor em termos de tecnologia de redes sociais (FERREIRA; ARRUDA FILHO, 2014, p. 10).

Ou seja, essa junção de características que definem o aplicativo, o garante maior utilização por também se adaptar às necessidades práticas cotidianas dos sujeitos, em relação aos seus processos interacionais comunicativos. Sua acelerada troca de informações, juntamente com suas funcionalidades mais leves para o aparelho móvel, o torna ainda mais satisfatório à realidade da sociedade moderna. Freitas Júnior *et al* (2015), citando Padrón (2013), diz que “o nome, ‘*WhatsApp*’ é um jogo de palavras que significa ‘*What’s up?*’, que trata-se de uma linguagem informal em Inglês que significa ‘O quê?’ ou ‘o que está acontecendo?’, assim o ‘*up*’ é trocado pelo ‘*App*’, também abreviatura em inglês para aplicativos” (p. 4).

Além disso, mais que atualizar informações e permitir a comunicação em tempo real, também se configura como um aplicativo de maior privacidade, tendo em vista que,

somente aqueles que possuem o número pessoal ou profissional, poderão interagir com o(os) possível(is) interlocutor(es).

O *WhatsApp* é considerado como uma rede mais reservada e de socialização mais íntima, pois para compartilhar de sua rede o usuário deve ter o número de celular, que é mais particular, e no *Facebook* o usuário com um *click* adiciona amigos, conhecidos e conhecidos de conhecidos, fazendo com que a rede fique imensurável, e todos tem acesso a quase todas as informações disponíveis nos perfis (FERREIRA; ARRUDA FILHO, 2014, p.12).

Na citação acima, os autores fazem uma breve comparação distinta entre os *modus operandi* do *WhatsApp* e do *Facebook*. O caráter reservado do *WhatsApp*, como apresentado, permite, pelo menos *a priori*, pensar que os indivíduos que dele faz uso, o faz para conversar com pessoas mais íntimas: família, amigos, colegas de trabalho, etc., as quais propiciam uma interação mais espontânea e casual à luz de suas relações de contato. Ou seja, essas relações aproximam ainda mais a interação virtual ao que seria uma relação pessoal, em virtude de todos os recursos fornecidos: criar grupos, enviar mensagens ilimitadas com imagens, vídeos e áudio, comunicar-se gravando e enviando mensagens com som ou vídeo (FREITAS JÚNIOR *et al*, 2015).

Nesse sentido, foi pensando nesse ambiente de interação, a partir de relações comunicativas tipicamente informais e de grande teor dinâmico que nos interessamos em investigar como as procedências discursivas podem ser construídas nesse espaço. Buscando nos deter à análise das performatizações textuais embebidas pelas práticas de interação diárias entre pessoas relativamente mais íntimas.

## **2.2 Análise do corpus**

As análises que serão realizadas nessa subseção mostram o potencial efeito das estratégias de referenciação, em conversas informais de *WhatsApp*, quando atreladas aos recursos multimodais disponíveis pelo aplicativo: principalmente em relação aos seus *emojis* e à sua ferramenta de retomada a mensagens específicas. Observaremos que tais recursos oportunizam uma dinâmica referencial mais diversificada, dada ao uso interativo desses variados recursos. Nesse sentido, optamos por direcionar nossas análises nos elementos da interação (sejam eles verbais, imagéticos ou orais) que, em si, atuassem como referenciadores de um dado objeto de discurso.



Através dos estudos sobre as categorizações ligadas às práticas de referenciação, analisamos até que ponto os dados coletados em nosso *corpus* descarta ou não a negociação intersubjetiva compartilhada, entre os sujeitos, durante o processo de interação. Enfatizaremos, ainda, em quais classificações essas construções referenciais podem ser admitidas, a partir da natureza de sua função junto à proposta pretendida.

É importante ser mencionado que nossas análises estão organizadas, abaixo, de acordo com suas características referenciais similares, identificadas nas conversas desenvolvidas em cada um dos *prints*. Desse modo, inicialmente tratamos, apenas, sobre as performances categóricas, na subseção “2.2.1 Referenciação e a categorização no interior das relações comunicativas”; posteriormente, dividimos nossas investigações a partir das análises referenciais de caráter anafórico e catafórico, sob a presença de elementos de função dêitica, nas subseções “2.2.2 Referenciação junto à dêixis de caráter anafórico” e “2.2.3 Referenciação junto à dêixis de caráter catafórico”. Por fim, finalizamos com uma breve explanação em relação ao traço comum a todos os eventos analisados, na subseção “2.2.4 O elo que se manifesta em todas as categorias de análise”.

### **2.2.1 Referenciação e a categorização no interior das relações comunicativas**

Ao longo das discussões admitidas nesse trabalho, destacamos, pelo menos, duas concepções em relação às categorias de referenciação, que são a instabilidade e a estabilidade. Abertamente, defendemos a propensão instável dos referentes no interior das relações de interação compartilhada entre os falantes, porque acreditamos que, nessa interação, e tão-somente nela, possibilita-se haver a (re)construção dos objetos do mundo em detrimento da linguagem. Mondada & Dubois (2003) acrescentam:

trata-se de considerar a referência aos objetos do mundo psíquico e natural, no âmbito de uma concepção geral do processo de categorização discursiva e cognitiva tal como eles são observáveis nas práticas situadas dos sujeitos (p. 23).

Usando alguns termos dos quais nos empresta Koch (2004), os referentes passam, então, a ser formulados de forma totalmente alheia à sua materialidade no mundo extramental, quando passado pela influência sociocognitiva humana.

Em conformidade com essas discussões, podemos observar, a partir do *corpus* coletado, uma potencial relação dessa teoria num contexto de efetivação prática. Vejamos abaixo:



Imagem 1: Ovos de Páscoa Vegano



Imagem 2: Repercussão da temática apresentada na imagem 1

Na imagem 1, encontramos a postagem de um *meme*, que, no intuito de fazer rir, traz uma proposta alimentícia mais saudável para o feriado do dia de Páscoa. A comicidade desse texto, que mescla diversas semioses em sua configuração, se fundamenta na comparação feita entre o Ovo de Páscoa de Chocolate e o abacate (fruta com formato semelhante ao do alimento comparado), pois, atrelada ao contexto de circulação<sup>16</sup>, implicitamente, faz uma crítica aos preços abusivos ofertados pelos estabelecimentos que vendem esse produto na época da Páscoa. Nota-se essa crítica quando observamos o preço divulgado no *post*, R\$ 80,00 por um abacate, cujo preço da fruta, no Brasil, tem variado de R\$ 0,91 a R\$ 5,00<sup>17</sup>, dependendo da região de onde se é vendida. O efeito cômico se eleva sob a proposta de ser um ovo mais saudável, sugerido pelo termo “Vegano” que aparece escrito em cor verde.

Cavalcante & Custódio Filho (2010), ao tratarem sobre os efeitos de sentido de um texto, estendido para além da exclusividade verbal, afirmam que: “o estudo dos sentidos a

<sup>16</sup> É válido lembrar que a coleta do *corpus* de análise ocorreu entre os dias 09 a 19 de março de 2018, datas, relativamente, próximas ao Feriado do dia de Páscoa, que, nesse ano vigente, aconteceu no dia 1 de abril.

<sup>17</sup> Fonte: Cotação. **Agrolink**. Disponível em: <<https://www.agrolink.com.br/cotacoes/frutas/abacate/>>. Acesso em: 21 jul. 2018.

partir do uso interativo da linguagem tem de ultrapassar os limites materiais da superfície textual. O cotexto, embora fundamental como ponto de partida, não garante a completude dos sentidos” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010, p. 60). A assertiva, defendida pelos autores, faz analogia direta com o exemplo exposto, tendo em vista que, para interpretá-lo, necessário se fez exceder o material linguístico ótico (cotexto), e considerar as inúmeras operacionalizações sociocognitivas envolvidas no ato interpretativo do *meme*, bem como as outras semioses integradas ao texto, que, nesse exemplo, vincula-se à imagem.

Nesse caso, ainda que inconscientemente, o integrante do grupo que faz essa postagem, está levando em consideração o contexto social no qual se insere sua comunidade de fala, no objetivo de que os outros participantes acionem as informações necessárias para que a compreensão se efetive de maneira integral. Quer dizer, a sofisticação dos processamentos cognitivos, no interior de uma interação, são diversos; pois, entre outras coisas, implica inferir informações que, *a priori*, precisam estar condizentes com os conhecimentos compartilhados, culturalmente, entre seus falantes.

Ainda em relação ao *meme* da Imagem 1, com base nos pressupostos defendidos por Dionísio (2007), sobre a multimodalidade nas interações comunicativas, o verbal e as demais semioses se apresentam mutuamente imbricados no cerne da construção de sentido. Tanto a comicidade quanto a crítica acima mencionadas, constroem-se de modo simultâneo junto às leituras da sentença – “Estou vendendo Ovos de Páscoa Vegano para comer de colher... R\$ 80,00” –, e da imagem – abacate sem caroço ao lado de uma colher. Tal fato apenas justifica a teoria de nossa autora, em relação ao todo interpretativo a ser considerado na leitura de textos multimodais, quando afirma:

Assim, referimo-nos à multimodalidade discursiva como um traço constitutivo a todos os gêneros textuais escritos e orais. Consequentemente, recursos visuais e verbais precisam ser vistos como um todo, no processamento dos gêneros textuais (DIONÍSIO, 2007, p. 178).

Retomando nossas discussões sobre referenciação, observamos, no decorrer da atividade interacional, que outro membro do grupo categoriza o objeto de discurso (*meme*) a partir da expressão “esse ovo”. Embora esteja claro, para todos, que o *meme* não apresenta, de fato, um Ovo de Páscoa, naquele contexto de fala, os integrantes modelam o seu sentido real no mundo, para que obedeça ao advento “de práticas simbólicas mais do que de uma ontologia dada” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20). Isto é, a negociação, entre os falantes, opera escolhas significativas com foco à concretização de sua proposta de sentido, sendo essa

categoria dependente do contexto. Assim, “A discursivização ou textualização do mundo por intermédio da linguagem não se dá como um simples processo de elaboração de informação, mas de (re)construção interativa do próprio real” (KOCH, 2004, p. 59).

Então, a expressão “esse ovo”, além de categorizar todo o fenômeno antecedente, dá margem às próximas discussões, evidenciadas na Imagem 2. Tais discussões, como podemos ver, se apresentam embebidas pela negociação intersubjetiva dos falantes, manifestadas através das próximas sentenças proferidas: “[...] bem mais saudável” e “[...] o sabor não é igual”. Em nenhum momento, essas sentenças desrespeitam o acordo estabelecido: que é o de não confundir a realidade com o universo simbólico negociado na interação.

Nos exemplos seguintes, evidenciamos outras formas de construção referencial, engendradas durante as trocas conversacionais do grupo averiguado. Vejamos como isso acontece:



Imagem 3: Olha que puxa saco



Imagem 4: Repercussão da temática apresentada na imagem 3

Na Imagem 3, evidenciamos a postagem de um vídeo, no qual a mesma integrante que o postou categoriza sua ação a partir da expressão “puxa saco”. O enredo do vídeo mostra o momento em que a filha da integrante do grupo, dá o primeiro pedaço de bolo, de seu aniversário, para o pai. Nesse caso, um pouco diferente do que vimos nos exemplos

anteriores, a expressão “puxa saco”, que significa o ato de bajular ou adular<sup>18</sup>, referencia sim uma ação, mas não a ação por inteira, e sim, a ação específica da criança, ou seja, categoriza a criança.

Essa expressão referencial faz remissão à ação da criança, encapsulando-a à nominalização “puxa saco”. Contudo, além de sumarizar a ação, também atua como rótulo retrospectivo, pois, se continuarmos analisando a sequência discursiva, observamos que, esse termo, permite o estabelecimento de um novo referente: o apego de meninas pelo pai, apresentado na Imagem 4, sob a sentença “kkkl meninas sempre apegadas ao pai”.

As nominalizações são consideradas por Francis (1994) *rotulações*, resultantes de encapsulamento operados sobre predicções antecedentes ou subsequentes, ou seja, sobre processos e seus actantes, os quais passam a ser representados como objetos-acontecimento na memória discursiva dos interlocutores (KOCH, 2004, p. 66, grifo do autor).

Como explica Koch (2004), mais uma vez identificamos o papel cognitivo do uso da linguagem, isso porque é preciso que o grupo reconheça e compartilhe do sentido dessa expressão, para que, dessa forma, possa associar o termo à ação já estabelecida em suas memórias discursivas, a qual foi vivenciada no vídeo. É preciso que o grupo compartilhe da comicidade sugerida, aceitando a categorização da criança como bajuladora do pai, ao invés de carinhosa com o pai, por exemplo. Tendo feito isso, os interlocutores, em negociação, apropria-se da inteireza semântica do discurso, bem como estarão aptos para ativar ou desativar tais referentes quando quiserem, durante o processo de interação.

É importante citar que, nesse exemplo, temos aquilo que chamamos por formas híbridas, referenciadoras e preditivas (KOCH; ELIAS, 2006), que, além de recuperar informações antecedentes difusas (encapsulamento), também veicula informações novas (rotulação).

Abaixo do vídeo, temos uma mensagem de voz, na qual a interlocutora diz: “Tadinha... só teve o direito de cortar o bolo, num foi? ((Risos))”. Nessa mensagem, evidenciamos a nominalização “tadinha”, referindo-se à mãe da criança. Através dessa expressão, explicitada no texto oral, percebemos uma nova remissão, em relação ao vídeo, contudo, agora, voltada para a referenciação do referente “mãe” e não mais do referente “filha”. Segundo Fávero *et al* (2000), os textos conversacionais possuem recursos específicos à sua organização estrutural; nesse sentido, podemos atribuir à expressão “tadinha”, como

---

<sup>18</sup> Fonte: Dicionário *Houaiss*.

sendo um dos principais elementos que corroboram à desfocalização ou mudança do tópico discursivo em vigência – “puxa saco” –, passando a atuar como uma espécie de par adjacente.

De acordo com as autoras, “ele [o par adjacente] concorre para organizar localmente a conversação, controlando o encadeamento de ações e, inclusive, podendo constituir-se em um elemento introdutor do tópico discursivo” (FÁVERO *et al*, 2000, p. 49-50). Assim como vemos no desenvolvimento interacional, exposto na Imagem 4, a expressão “tadinha” atua como principal elemento que favorece a transição do tópico/referente textual até então tratado como principal. Isto é, nesse momento, deixamos de focalizar nossas atenções no referente filha, para focarmos no referente mãe, o que passa a ser justificado, posteriormente, pela sentença “nunca ganhei o primeiro pedaço”.

Mais claro se mostra tal fenômeno, quando observamos o recurso utilizado pela integrante do grupo, que é o de retomar, especificamente, a mensagem de voz no seu ato de resposta; o que a permite não somente explicar sua condição, como também expandir sua manifestação de descontentamento, por meio do uso do pronome demonstrativo “essas”. A expressão “essas”, nesse sentido, embora faça alusão às suas filhas, torna-se o próprio elemento de transição, viabilizando as próximas construções referencias, dissolvidas da primeira categorização: “puxa saco”.

Em geral, o que percebemos com esse exemplo, é que o processo referencial vai sendo gradativamente construído na busca de se alcançar a melhor adequação relacional sobre a situação. Isso se dá, principalmente, porque nosso *locus* de análise (*WhatsApp*) permite essas reformulações devido estar intimamente ligado ao discurso de natureza oral. Para tanto, Mondada & Dubois (2003) explicam: “A referenciação adequada pode ser vista como um processo de construção de um caminho ligando diferentes denominações aproximadas que não são excluídas pela última” (p. 30). Ou seja, as denominações, ou categorizações, vão sendo inseridas ao longo da comunicação no objetivo de atingir um objeto de discurso mais apropriado, finalmente expressado pela sentença “meninas sempre apegadas ao pai”.

## 2.2.2 Referenciação junto à dêixis de caráter anafórico

Até aqui, observamos que os processos referenciais, no interior das relações comunicativas, se configuram de modo bastante diverso; que as categorizações de referentes podem se apresentar totalmente alheias à sua representação icônica no mundo, parecendo estar muito mais “reféns” ao ato da enunciação negociada, do que ao ato de sua semântica (MONDADA; DUBOIS, 2003). Outro caso a ser considerado, é de que o ambiente no qual a

interação acontece, o *WhatsApp*, facilita a dinâmica interativa entre os falantes, a partir dos recursos ofertados, que, por vezes, podem até confundir seu usuário a uma espécie de interação face-a-face. Portanto, vejamos mais situações abaixo:

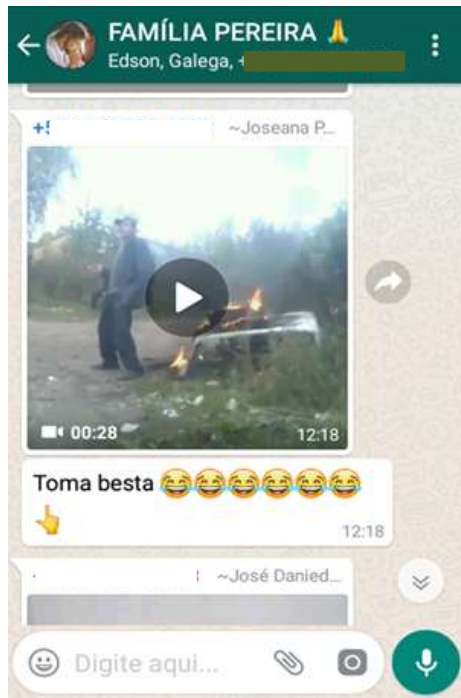


Imagem 5: Toma besta



Imagem 6: Agora esse menino aí é topado

Começando pela análise da Imagem 5, observamos a publicação de um vídeo, no qual a mesma integrante do grupo que o publica, também o categoriza a partir da expressão “Toma besta”. Novamente, evidenciamos que tal categorização faz remissão especificamente a um referente, que, nesse caso, é ao homem que aparece no vídeo, por meio de uma referenciação anafórica. Conforme explica Cavalcante (2000), a referenciação anafórica se diferencia do “dêitico discursivo [...] não apenas porque realiza uma referenciação pontualizada, senão também porque não deixa subentendida a posição do falante no ‘tempo de formulação’” (p. 48).

Quer dizer, a adjetivação “besta” tem por função principal fazer remissão de um personagem específico em detrimento de sua ação realizada. Nesse caso, mesmo considerando que tal adjetivação/rótulo nos possibilite inferir situações das quais nos levem a categorizar o homem pela nominalização “besta”, essa categoria não recupera a totalidade da ação, apenas faz remissão ao homem. Dessa forma, nesse exemplo específico, não há dúvidas sobre seu caráter anafórico (pontualizada ao referente homem), por, também, não deixar subentendida a posição do referente; diferenciando-se, distintamente, do dêitico discurso.

No entanto, a mesma integrante que posta o vídeo, faz uso de outros recursos para referenciá-lo, que transcendem a linguagem puramente verbal: caso disso é o *emoji* no formato de mão apontando para cima. Esse outro tipo de referenciação, em contraposição a da expressão “besta”, não faz remissão a um referente específico, mas sim, recupera toda a ação desenvolvida no vídeo, simultaneamente à referenciação de sua posição efetivada no discurso.

A sofisticação referencial, dada ao uso do *emoji*, nesse exemplo, nos permite considerar, pelo menos, dois estados de dêixis: a discursiva e a espacial. Isso acontece porque a configuração do aplicativo, *locus* da pesquisa, oferece recursos ilustrativos, assim como ferramentas especiais, que facilitam a interação entre os interlocutores; o que garantem, à atividade comunicativa, grau de eficiência quase que em perspectiva face-a-face. O *WhatsApp* agrega multimodos de uso da linguagem, que ora passeiam por uma modalidade (verbal/não verbal), ora passeiam por outra (oral), podendo, além do mais, se apresentarem concomitantemente em parceria.

Em perspectiva dêitica discursiva, podemos considerá-lo, *a priori*, por representar exatamente o que Cavalcante (2000) diz sobre esse tipo de dêixis: “Um dêitico discursivo é o resultado de uma operação em que o falante se refere a um processo ou estado anteriormente expresso por uma ou mais proposições” (p. 52). Igualmente a essa afirmação, é o desempenho do *emoji* indicado, tendo em vista que o resgate referencial, o qual se propõe, abarca uma porção infinitamente ampla (ação total do vídeo), ao passo que também indica posição do referente (posição do vídeo em relação àquele ato enunciativo).

Já quando consideramos sua atuação em perspectiva dêitica espacial, estamos levando em conta a posição do locutor no ato da enunciação, num contexto de situação imediata. Pois, é perceptível observarmos o cuidado da integrante do grupo ao localizar a posição espacial do seu enunciado em relação ao objeto que referencia. Nesse exemplo, poderíamos facilmente comparar a atuação do *emoji* a uma espécie de advérbio de lugar, fazendo referência exata ao objeto apontado sob o olhar de quem fala.

Tais pressupostos são confirmados por Oliveira & Silva (2017) ao discorrerem sobre esse tipo de dêixis: “A dêixis de lugar se caracteriza quando a expressão tiver como referencial a orientação espacial do enunciador ou do destinatário em relação a ele no momento da enunciação” (p. 94). Obviamente, como não temos qualquer acesso a elementos corpóreo-físicos, no *locus* de análise, a dêixis espacial se manifesta a partir da localização do enunciado: “Toma besta” em relação ao seu referente (vídeo). Assim, como sendo uma das características da dêixis, para que se haja uma compreensão mais perfeita sobre o quê o



enunciado faz referência, é preciso que os demais falantes façam presença junto ao lugar da interação.

Na imagem 6, temos novamente um exemplo semelhante ao anterior, no qual se apresenta duas construções referenciais distintas: anafórica e dêitica. Outra vez temos a postagem de um vídeo, por um dos membros do grupo, seguida de uma sentença composta por referenciação: “Agora esse menino aí é topado”. Muito embora, se levarmos em consideração regras de nossa Gramática Normativa, o pronome demonstrativo “esse” tem por função fazer remissões de caráter retrospectivo, diferentemente do demonstrativo “este” de caráter prospectivo. Entretanto, Cavalcante (2000) deixa clara a dispensabilidade dessas teorizações no interior de práticas de fala, quando diz:

O demonstrativo (não importa que seja este ou esse) simplesmente guia o destinatário numa espécie de busca retroativa da entidade referida. Se se pensar a deitidade como um *continuum* de variados graus, dir-se-á, então, que tais empregos se colocam num ponto baixo da escala, em decorrência de prescindirem do ponto de vista do falante (p. 49).

Ou seja, conforme apresenta Cavalcante (2000), tais pronomes independentemente de quais funções venham desempenhar, de acordo com a gramática, precederão a criação própria do ponto de vista que o falante adota na natureza de sua interação. Tendo isso sido acordado, poderíamos, então, ainda em concordância com os postulados da pesquisadora, dizer que o pronome demonstrativo “esse” viria com a proposta referencial dêitica, apontando para a localização retrospectiva do referente, em relação ao enunciado, além de fazer isso numa perspectiva de resgate completo do objeto de discurso vídeo. Pois, entre outras investigações, Cavalcante (2000) expõe a dominância que os elementos de valor demonstrativo têm em manifestar-se como pronomes substantivos nos dêiticos discursivos.

Todavia, é muito importante considerarmos que o pronome demonstrativo “esse” não se apresenta sozinho no exemplo, e sim, seguido do termo “menino”, trazendo para nossa investigação uma nova proposta interpretativa e de melhor adequação. A expressão “esse menino” aparece com uma proposta diferente quando se pensado na perspectiva defendida por Marcuschi (1997, p. 158 *apud* CAVALCANTE, 2000) ao alegar o papel dos dêiticos discursivos a partir de sua função metacognitiva, criando uma “perspectiva comum e preferencial de observação discursiva” (p. 49).

Claramente, no exemplo, não evidenciamos uma referenciação metacognitiva, pois o termo “menino” faz remissão pontualizada ao garoto do vídeo, e não às demais ações

periféricas à sua atividade. Assim como é importante ressaltarmos que, quando o demonstrativo se agrega ao nome, constituindo “esse menino”, passa a ter função de pronome adjetivo em relação àquilo que referencia. Conforme apontam os estudos de Cavalcante (2000), o procedimento anafórico normalmente realiza-se “em geral como pronomes adjetivos, determinantes em sintagmas nominais” (p. 52). O que significa dizer que estamos tratando, novamente, de uma referenciação anafórica e não dêitica.

Desse modo, torna-se muito intrigante o fato de que as referenciações de caráter anafórico não se “limitarem” mais (provado pelos estudos desenvolvidos em LT) aos pronomes pessoais em terceira pessoa, por muito tempo erroneamente entendido.

Alguns mitos da separação de dêixis e anáfora se destroem, com efeito, quando se deixa de reduzir os anafóricos ao pronome ele (ou zero) e às expressões definidas; bem como quando se deixa de pensar os dêiticos como elementos de remissão exclusivamente extralinguística (CAVALCANTE, 2000, p. 50).

A fragilidade da fronteira que separa a anáfora do dêitico discursivo tem se mostrado grande demais, pois, como podemos ver, tanto na Imagem 5 quanto na Imagem 6, que, por vezes, o procedimento anafórico pode ser confundido com o procedimento dêitico, caso não levemos em conta os demais elementos que componham os fenômenos.

Ainda, na Imagem 6, encontramos os *emojis* que tanto podem retomar o vídeo quanto categorizá-lo. Semelhantemente, ao que discutimos no exemplo da Imagem 5, o *emoji* no formato de mão, pode desempenhar função dêitica espacial e discursiva. Espacial porque temos a possibilidade de analisarmos pelo viés de seu locutor, por meio da localização do enunciado; e discursivo se considerarmos sua referenciação perpassada pela inteireza da ação a qual aponta, assim como não negligencia o posicionamento do falante junto à situação comunicativa. Torna-se pertinente observarmos, também, que os *emojis* representados pela mulher dançando podem atuar como elemento categorizador do vídeo: de modo que categoriza a ação do menino à dança.

No mais, sendo comum a conversas de grupos de *WhatsApp*, nem sempre um objeto de discurso (em nosso caso, os vídeos) ganha extensão discursiva. Tal fato evidencia-se nos dois casos anteriores que observamos, os quais são submergidos em detrimento do surgimento de um novo referente lançado à discussão por outro membro do grupo.

### **2.2.3 Referenciação junto à dêixis de caráter catafórico**

Na subseção anterior, pudemos observar como o liame que separa o dêitico discursivo da anáfora se mostra fortemente tênue, tendo em vista que os procedimentos, vez ou outra, se imbricam em seus sentidos e construções. Observamos, também, como as ferramentas específicas do aplicativo atuam de maneira praticamente similar aos elementos gestuais da interação face-a-face: evidenciado na utilização funcional dos *emojis*. Sabendo disso, buscaremos, agora, analisar como essas estratégias referenciais se configuram em caráter catafórico, no grupo de *WhatsApp*.



Imagem 7: A treta



Imagem 8: Esse é bom de briga

Na imagem 7, temos a seguinte sentença: “A treta só não foi maior, porque uma das partes não reagiu...”, nesse exemplo, como em outros casos analisados, temos uma nominalização que categoriza a ação expressa pelo vídeo postado: “A treta” categoriza toda a ação vivenciada no vídeo. Nesse sentido, essa expressão nominal aparece com a função de sumarizar/encapsular o objeto-acontecimento (KOCH, 2004), por meio de uma única nominalização. Se atentarmos, ainda, para o efeito semântico dessa expressão, temos o que diríamos ser um rótulo, pois, como já discorreremos nos exemplos acima, além de encapsular informações difusas, incita informações novas, as quais podem ser primordiais na construção de um novo referente.

Contudo, diferenciando-se dos demais exemplos aqui expostos, a Imagem 7 mostra que o rótulo “A treta” aparece antes da exposição do objeto de discurso vídeo,

desempenhando função de rótulo prospectivo, conforme mostrado nos estudos de Koch (2004). Ou seja, o que nos permite evidenciar uma típica referenciação de caráter catafórico, reforçada pela presença do *emoji*, formato de mão, apontando para baixo, logo no final da sentença.

O *emoji* presente nesse exemplo mantém seu papel referenciador de função dêitica, situando bem a localização do objeto de discurso em relação à posição enunciativa do seu locutor, que é o mesmo que o posta, lançando-o à discussão, bem como recupera todo o escopo difuso posteriormente apresentado. Dessa maneira, certamente, o que o diferencia dos outros casos, é simplesmente sua configuração bem articulada ao propósito referencial catafórico.

Na Imagem 8, que apresenta o prosseguimento discursivo sobre o referente vídeo, encontramos uma estratégia referencial de outra natureza: uma expressão anafórica representada pelo demonstrativo “esse”<sup>19</sup>. É muito pertinente destacarmos que, mesmo após o interlocutor da Imagem 8 receber coordenadas referenciais amplas (tanto em relação ao próprio vídeo, quanto em relação à ação vivenciada nele), opta por fazer remissão específica ao homem do vídeo. Ou seja, esse integrante remodela, à sua preferência, o objeto a ser referenciado. Opta por não referir-se à rua ou ao poste, por exemplo, mas ao objeto que, para ele, é significativo ao longo das ações, que, nesse caso, é o homem. “Isto lhes permite construir, passo a passo, um objeto discursivo que não está disponível como uma categoria única e pronta para ser empregada” (MONDADA, 1995c *apud* MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 30).

Outro fato que evidencia esse pressuposto de forma mais material ainda, é quando um terceiro interlocutor desfocaliza, literalmente, o objeto de discurso a princípio ativado, com a postagem de um novo vídeo. No entanto, como explicam Koch & Elias (2006), mesmo que o referente seja retirado de foco, ainda sim, permanece em estado de ativação parcial (*stand by*). Normalmente, as ativações parciais ocorrem a partir de estratégias referenciais que, de algum modo, remetam ao objeto discursivo a ser resgatado (seja através da referenciação escrita, oral, gestual, dependendo do lugar de interação). No exemplo da Imagem 8, tal resgate se dá por meio do uso de uma das ferramentas próprias do aplicativo, retomando a mensagem anterior ao vídeo que foi abruptamente lançado.

---

<sup>19</sup> Mesmo tratando, neste subtópico, sobre os processos referenciais em caráter catafórico, observamos que, durante tal procedência, foi observado o aparecimento de uma expressão com função anafórica. Considerando o contexto que se inscreve, optamos por mantê-la nesta categoria de análise.

Como podemos ver, essa ferramenta do *WhatsApp* torna-se uma genuína estratégia referencial, possibilitando a focalização ou ativação de referentes independente do grau do andamento discursivo, e de quantos novos possíveis referentes já tenham sido alocados.

#### 2.2.4 O elo que se manifesta em todas as categorias de análise

Chagando até aqui, é de imprescindível relevância citar que, essas construções referenciais realizadas de maneira espontânea e natural, vistas em todos os casos tratados nesse trabalho, até pouco tempo foram preconceituosamente interpretadas pela literatura científica ocidental como sendo atividades dos sujeitos

marcadas pelas “negligências”, pelas “faltas de precisão”, pelas dificuldades em nomear’ ou mesmo pelos “erros” e “insucessos”, imputáveis também às imperfeições das línguas “naturais” (em oposição às línguas sagradas ou artificiais), ou às más realizações, à incompletude de um sistema cognitivo imperfeito (popular, ignorante, até mesmo patológico ou, não há muito tempo, herético) (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 22).

Ou seja, as autoras criticam de modo explícito esse pensamento utópico que, *a priori*, imaginava a língua em função de uma cartografia perfeita, em que língua e mundo deviam ser esteticamente representados por categorias estáveis. No entanto, é evidente ao longo das diversas pesquisas que se levantam na LT, assim como nessa atual pesquisa, que as práticas discursivas cotidianas modelam a linguagem às necessidades sociocognitivas negociadas entre seus falantes.

Nessa perspectiva, nosso *corpus* não se apresentou diferente. Embora todos os exemplos examinados mostrem uma atividade interativa predominantemente informal, em momento algum negligencia a refinação de uma construção comunicativa carregada de categorias e modos referenciais dinâmicos. O que torna fascinantemente impressionante pensarmos o quanto essas estratégias referenciais, exaustivamente estudadas (e, por muito tempo, idealizadas), são naturalmente construídas na interação diária das práticas discursivas humanas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do desenvolvimento deste trabalho tivemos a oportunidade de evidenciar de perto a articulação notável das teorias sobre texto e referenciação nas manifestações da linguagem, mais precisamente em um grupo de *WhatsApp*. Desse modo, pudemos materializar, com os resultados obtidos em nossas análises, algumas das teses admitidas em nosso aporte teórico, sobretudo em relação às pesquisas defendidas por Cavalcante & Custódio Filho (2010), Mondada & Dubois (2003), Cavalcante (2000) e Koch (2004). Tais estudos nos permitiram comprovar a necessidade, em nível prático, de ampliarmos as noções daquilo que entendemos por texto; de ratificarmos a maleabilidade categórica no interior das construções referenciais, que fortalecem as concepções sobre sua propensão instável; e de evidenciarmos as “multiestratégias” referenciais, possíveis, numa interação comunicativa carregada por diversas semioses e multimodos da língua.

O mais desafiador, e por isso mesmo mais representativo, é termos a possibilidade de constatarmos esses achados em um *corpus* autenticamente corriqueiro e espontâneo entre pessoas de uma mesma família, mas que, mesmo assim, não deixou de compreender proposições teóricas complexas. Conseguimos perceber a predisposição sociocognitiva da linguagem, atrelada à negociação intersubjetiva dos falantes, comprovando-nos a sofisticação dos processos referenciais para o alcance mais apropriado das necessidades comunicativas de uma comunidade de fala específica. Essa condição vista nos exemplos investigados confirmou o quanto a linguagem possui a força de (re)construir a própria realidade do mundo.

O aplicativo *WhatsApp* confirmou-se como um lugar indiscutivelmente propício a multimodos da interação, possibilitando construções referenciais diversas. Vimos como os participantes do aplicativo, envolvidos na interação, conseguiram categorizar objetos de discurso às suas pretensões de sentido, independentemente da sua semântica real; usaram, à seu favor, as ferramentas disponíveis no *lócus* para ativar, desfocalizar, reativar e adequar os referentes às suas propostas discursivas. Tivemos, ainda, a oportunidade de observar como um simples *emoji* pode atuar como um elemento dêitico genuíno, abarcando desde uma função textual/discursiva a uma função espacial.

Faz-se necessário pontuarmos, também, a representatividade do recurso de retomada do aplicativo analisado, podendo atuar, como diagnosticado nos exemplos, tanto como facilitador da transição de um objeto de discurso (ou tópico discursivo) para outro, quanto como ativador de um referente anteriormente desfocalizado. Embora, em nosso

trabalho, tenhamos tratado apenas dessas procedências desse recurso, vale-se pensar, quem sabe, em outras pesquisas, sobre mais possibilidades em relação ao seu comportamento, tendo em vista que não nos propomos, aqui, a discutir sobre sua função referencial mais profunda.

No mais, esperamos que este trabalho tenha dado sua contribuição, por mais breve que tenha se apresentado, para os estudos da Linguística Textual e para o depreendimento de várias outras possibilidades de pesquisa nesta área da Linguística. Esperamos que, de algum modo, essas discussões possam suscitar novas propostas investigativas, que liguem as novas descobertas teóricas, por anos em estudo, às manifestações usuais da língua, que, a cada momento, se renovam junto às necessidades práticas de seus falantes.

## REFERÊNCIAS

- CARVALHO, K. A.; GALEMBECK, P. T. **Os marcadores conversacionais na fala culta de São Paulo (Projeto NURC/SP)**. 1997. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/download/4100/2746>>. Acesso em: 03 fev. 2017.
- CAVALCANTE, M. M. **A dêixis discursiva**. Rev. de Letras - N0. 22 - Vol. 1/2 - jan/dez. 2000.
- CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V. Revisitando o estatuto do texto. **Revista do GELNE**, Piauí, v.12, n.2, 2010.
- CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. 1. Ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013, p. 19-33.
- DIONÍSIO, A. P. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. (Orgs.). **Fala e escrita**. 1. ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 177-196
- CIULLA, A.; MARTINS, M. A. **Um estudo sobre classificações de tipos dêiticos**. Rev. de Letras - no. 36 - vol. (2) - jul./dez. – 2017.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O; AQUINO, Z. G. O. **Oralidade e Escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. – 2. Ed. – São Paulo: Cortez, 2000.
- FERREIRA, N. S.; ARRUDA FILHO, E. J. M. Preferência de uso das redes sociais virtuais para o consumidor tecnológico: uma análise do Facebook versus WhatsApp. **XVII SEMEAD Seminários em Administração** / outubro de 2014 ISSN 2177-3866.
- FREITAS JÚNIOR, J. C. S.; SACCOL, A. Z.; SILVA, J. V. V. M.; BARBOSA, J. L. V.; BALDASSO, L. **XVIII SEMEAD Seminários em Administração** / novembro de 2015 ISSN 2177-3866.
- GALEMBECK, P. T. **Estruturas sintático-discursivas em textos conversacionais**. Alfa, São Paulo, v.35, p. 123-133, 1991. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/107671/ISSN1981-5794-1991-35-123-133.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 02 fev. 2017.
- KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. – São Paulo: Martins Fontes, 2004. – (Coleção texto e linguagem). P. 51-79.
- KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. – São Paulo: Contexto, 2006.
- MARCUSCHI, L. A. **Linguística de Texto: o que é e como se faz?** – São Paulo: Parábola Editorial, 2012.



MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (orgs.). **Referenciação**. – São Paulo: Contexto, 2003. – (Coleção clássicos da linguística).

OLIVEIRA, S. S.; SILVA, F. O. **Dêixis e pragmática**: um estudo da linguagem em contexto. Rev. de Letras - no. 36 - vol. (2) - jul./dez. – 2017.

ANEXO 1: Modelo de transcrição, a partir de Fávero *et al* (2000)

## NORMAS DE TRANSCRIÇÃO\*

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO**
Incompreensão de palavras ou segmentos.	( )	Do nível de renda... ( ) nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu.	(Hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se centos indicativo da tônica e/ou timbre).	/	E comé/e reinicia
Entoação fática.	maiúsculas	Porque as pessoas reTÊM moeda
Alongamento de vogal ou consoante (como s, r).	:: podendo aumentar para ::: ou mais	Ao emprestarmos éh::: ... dinheiro
Silabação	–	Por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	E o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razões ... que fazem com que se retenha moeda... existe uma ... retenção
Comentários descritivos do transcritor.	((minúsculas))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático.	--	...a demanda de moeda – vamos dar essa notação – demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes.	ligando as [ linhas	A. na casa da sua irmã [ B. sexta-feira? A. fizeram lá... [ B. cozinharam lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais, reproduções de <i>discurso direto</i> ou leituras de textos, durante a gravação.	“ ”	Pedro Lima ... ah escreve na ocasião.. “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREira entre nós”...

*Observações:*

1. Iniciais maiúsculas: não se usam em início de períodos, turnos frases.
2. Fáticos: *ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por está: *tá?* você está brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
6. Não se anota o *cadenciamento* da frase.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: *oh:::,,*, (alongamento e pausa).
8. Não se utilizam sinais de pausa, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.

\*Extraídos de Castilho & Preti (1986). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*, vol. II – Diálogos entre dois informantes. São Paulo. T. A. Queiroz/EDUSP, p. 9-10.

\*\*Exemplos retirados dos inquéritos NURC-SP nº 338 EF, 331 D2 e 153 D2.